

ANNO VI

Cuiabá - Abril - 1969

NUM. 4

Revista MATTO-GROSSO

De CIÊNCIAS, LETRAS, ARTES E VARIEDADES



Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres

4. GOVERNADOR E CAPITÃO-GERAL DE MATTO-GROSSO

Luiz de Albuquerque M. P. e Caceres



Revista Matto-Grosso tem-me proporcionado, com rara fidelguia, ensejo de propagar alguns factos e algumas individualidades da nossa Historia.

Esse acolhimento mostra que os R. R. Salesianos sabem cultivar o carinhoso culto do Passado, e que como educadores acham-se comprehendidos do valor do ensinamento civico pela vulgarisação das nossas cousas idas.

Assim é que nestas mesmas columnas ha cinco annos continuos venho publicando trabalhos do inextinguivel scientista Barão de Melgaço, e de quando em quando occupando-me de vultos do valor de D. José Antonio dos Reis e outros, que pelos exemplos que deixaram merecem a gratidão da posteridade.

Nesse empenho, nessa pugna em que tenho luctado quasi isoladamente, a despeito da corrente dominadora do meio, que por sua vez é o reflexo de uma sociedade em dissolução, dei á estampa no exemplar desta *Revista* de Dezembro de 1907 ao artigo que abaixo reproduzo, sem duvida muito opportunamente.

Na successão dos governadores do Mato-Grosso mereco lugar distincto o nome de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, nomeado por Patente de 3 de Julho de

1771 e empossado a 13 de Dezembro do anno seguinte.

Não eram então muito lisongei-ras as relações diplomaticas entre Portugal e Hespanha, cujos delegados na America procuravam manter uma situação de embaraços reciprocos, e a nomeação daquelle capitão-general em taes condições deixou patente o carinhoso cuidado com que a metropole olhava para esta vasta capitania, «que entestava, senão a mais extensa, pelo menos a mais importante parte da fronteira occidental do Brasil.»

Correspondeu Luiz de Albuquerque ao conceito que as suas altas qualidades moraes e intellectuaes inspiravam; não sómente mostrou-se atilado, cheio de fidelidade inextinguivel no tocante aos deveres de administrador, como ainda revelou-se habil politico, cheio de bom senso e possuidor do raro criterio de medir a importancia ou a insignificancia dos acontecimentos que se desdobravam no tempo de seu governo, delles tirando para a nação o maior proveito compativel com as circumstancias do momento.

Trabalhador infatigavel, auxiliado por uma organização que lhe permittia esforços constantes, da sua actividade falamos grandes melhoramentos que iniciou, as medidas que empregou a favor do commercio, o auxilio que dispensou á lavoura e á mineração, sem que por isso se descuidasse da manutenção da ordem e do zelar pela defeza da capitania.

Com perseverança pouco commum, consoante ao seu tempera-

mento contrario á inacção. semeou pelo sertão mato-grossense povoações e presidios, colonias e destacamentos, assim como favoreceu o ensino, abriu estradas, tendo em todas as emergencias caminhado com o mesmo criterio e segurança de vistas que foram a nota dominante dos dezeseite annos de seu fecundo governo.

A sua acção de governante percorreu todos os ramos da administração, desde o despacho de natureza local ao complicado problema da fixação do limites, cujas bases soube tão habilmente preparar que nellas se apoiaram as negociações entabuladas quasi cem annos depois.

Nesse particular deixou em evidencia traços luminosos de uma cebrebração potente, sulcos profundos de uma individualidade privilegiada: nesse particular ninguém fez mais, nem tanto como elle, e ahi reside o seu maior padrão de glorias, e d'ahi lhe vem essa aureola que cresce de geração em geração.

Estudemol-o por essa face, embora em traços rapidos.

Compellido a manter a séde do governo em Villa Bella, de modo a applicar mais de perto todo cuidado á região do Guaporé, cuja fiscalisação prendia-se a vastos e complexos interesses nacionaes, a sua acção por isso mesmo não podia ser directa em outras zonas e este facto foi por muito tempo uma das preoccupações constantes de seu espirito.

Lendo com olhos previdentes no futuro, não se deixando illudir quanto ás intenções do povo visinho, bem comprehendeu Luiz de Albuquerque que se ao governo da capitania cumpria manter as posições conquistadas, tambem era um dever procurar alargar quanto possivel as raias do

territorio nacional, quando se fundava isto em titulo justo.

Assim pensando, e, mais ainda, conhecendo que o abandono em que se achava o baixo Paraguai era favoravel á cobiça dos confinantes do sul, concebeu a ideia da occupação do Fecho dos Morros, medida aliás que não tinha passado despercebida a Rolim de Moura, primeiro governador, e que viria pôr cobro ás pretensões hespanholas.

Organizou nesse sentido um plano geral das fronteiras, e emquanto aguardava a approvação da metropole teve conhecimento, por communicação do governo de São Paulo, de 9 de Janeiro de 1775, de haverem os hespanhoes assentado no anno anterior um estabelecimento na fôz do Ipané, o que claramente importava em flagrante violação á Convenção de 1761, que annullou o Tratado de Madrid de 1760, e restituiu ás nações limitrophes as respectivas posses.

Em face desse acontecimento, que encarou com serenidade, senão mesmo com dissimulada indifferença, mas de facto com vivo contentamento, aproveitou-se Luiz de Albuquerque para alargar os dominios da capitania confiada a seus cuidados, indo além do Guaporé alcançar as margens do Paragahú, e ao sul enfeixar as duas margens do rio Paraguai.

Assim, livre das peias do respeito aos ajustes celebrados, e aproveitando-se com calculada sagacidade da situação creada pelos proprios confinantes, vemol-o sob o fundamento de conter as correrias dos indios que dominavam a navegação para São Paulo, atacando ás vezes impunemente os viajantes, apparellar em 1775 uma expedição desti-

nada a lançar os alicerces do Forte de Coimbra (*).

Como represália, e também com o fim de cimentar o direito de Portugal sobre outros pontos da fronteira, fez construir o Forte do Príncipe da Beira em 1776, fundou a povoação de Vizeu em Setembro desse mesmo anno. Albuquerque (hoje Corumbá) e Villa Maria (hoje S. Luiz de Cáceres) em 1778, Casalvasco em 1783; installando successivamente postos militares em Dourados, Jaurú, Corixa e Salinas, servindo-se para isso de pretextos varios.

Do conjunto dessas medidas resultou a extensa linha que delimita este Estado a sul e a oeste, do rio Apa á Ilha da Confluencia, na reunião do Mamoré ao Beni, e que Mato Grosso deve principalmente á dedicação daquelle consumado estadista.

Ao deixar o governo a 20 de Novembro de 1789 tinha Luiz de Albuquerque cumprido fielmente a sua missão: como politico contribuiu efficazmente para a prosperidade da patria; como administrador conseguiu levantar a capitania a uma altura não alcançada até ahi, indo mesmo além do que os recursos de então permittiam.

O seu governo encerrou-se ha mais de um seculo, e não teve ainda na administração deste pedaço do Brasil quem o igualasse, e menos ainda quem o excedesse. Foi substituído por seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, fallecido em Villa Bella, cujos restos ali repousam.

Como se vê, Luiz de Albuquerque é o maior vulto da nossa Historia, e enquanto assim na verdade seja, nenhuma demonstração de carinho e gratidão tem merecido de nossa parte a sua memoria veneranda por muitos titulos.

Essa nossa grande falta, porem, acaba de ser attenuada pelo contexto da *Mensagem* que em seguida transcrevemos, e que, se não tem o poder de despertar emulação no meio da indifferença que lavra entre nós, certo elevará o seu auctor no conceito das gerações que nos virão succeder.

Para quem, entretanto, como Amarilio de Almeida, apenas deseja a tranquillidade de espirito que traz o cumprimento do dever, a melhor recompensa do seu acto de manifesta justiça e de rara comprehensão da função publica que está exercendo, está concretisada na paz da sua consciencia por haver praticado uma acção nobre.

Eis o precioso documento:

MENSAGEM

ILLMOS. SNRS. PRESIDENTE E MAIS MEMBROS DA CAMARA MUNICIPAL.

«Por concorrência publica, foi contractado o novo calçamento da principal arteria publica do 2.º districto desta capital, cujo serviço já foi iniciado e em breve prazo estará concluido.

Tal melhoramento, ao qual pretendo addicionar outros, como sejam illuminação e arborisação, transformará certamente a dita arteria na mais aformoseada via publica de Cuyabá.

Assim sendo, justo se me afigura que a ella seja dada uma denominação correspondente, não sómente como uma homenagem á memoria do grande servidor de Matto-Grosso, cujo nome ora vou lembrar, como também como um ensinamento cívico.

[*] As instrucções dadas ao capitão Mathias Ribeiro da Costa, encarregado dessa commissão, determinava que a construção do presidio fosse feita no Fecho dos Morcos. Um erro de reconhecimento deu lugar a que Coimbra ficasse situada a quarenta leguas acima do ponto indicado.

Penso que, apontando o nome do Cap. General Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, vou ao encontro do sentimento unanime dos illustres representantes do Legislativo Municipal e em geral do de toda a população deste Município e do Estado. De facto, ninguém mais fez já essa pequena homenagem que aquelle consummado estadista, a quem devemos a nossa extensão territorial e os germens de tantos e assignalados melhoramentos. Seja-me permittido que deixe aqui, neste documento, bem accentuada a acção altamente fecunda de Luiz de Albuquerque, na sua luminosa passagem pelo governo da antiga Capitania de Matto-Grosso.

Na successão dos governadores, merece logar distincto Luiz de Albuquerque, nomeado por patente de 3 de Julho de 1771 e empossado a 13 de Dezembro do anno seguinte.

Não eram, politicamente, lisonjeiras as condições da Capitania, na época em que tomara as redeas do governo; a questão de limites, annullado o tratado de Madrid, achava-se, por assim dizer, na phase a mais melindrosa, com relação ao occidente brasileiro.

Previdente, dotado de qualidades excepcionaes de governo e raro tino diplomatico, Luiz de Albuquerque, aproveitando-se com extraordinaria clarividencia dos erros da nação limitrophe, alargou os dominios da capitania confiada aos seus cuidados, levando as nossas fronteiras além do Guaporé e enfeixando as duas margens do rio Paraguay. Calmamente, sem o ruido dos dias actuaes, calculando como uti possidetis, como um coefferente poderoso, o que de facto veio a succeder, decorridos quasi cem annos, fundou Casalvasco, Albuquerque (hoje Corumbá), Villa Maria (hoje S. Luiz de Cáceres), o forte do Prin-

cipe da Beira e o forte de Coimbra. A sua acção, entretanto, não ficou circumscripta á guarda das nossas fronteiras; como administrador, semeou pelo sertão povoações e presídios, colonias e destacamentos, favoreceu o commercio, auxillou a lavoura e a mineração e, o que é mais, esboçou por meio de explorações bem encaminhadas as zonas extremas da Capitania. Toda a região de Leste, se ainda nos pertence; toda a bacia do alto Tapajós, se ainda tem nos rappas as côres da zona matto-grossense; a margem direita do Mamoré e do Madeira até o divisor da Cordilheira do Norte, os campos da Vaccaria e o edo da antiga navegação para S. Paulo—tudo isso é patrimonio da terra em que nascemos porque no ultimo quartel do seculo XVII um homem que se chamou Luiz de Albuquerque e que foi o quarto governador de Matto-Grosso.

Render, pois, uma homenagem a culto de tal grandeza, não é apenas um dever, é pagar, aliás por um meio já pouco significativo, uma pequena parcella de uma dívida incommensuravel.

Por isso, proponho que á renovada Avenida do segundo districto se dê a denominação de "Avenida Capitão-General Luiz de Albuquerque".

Intendencia Municipal em Cuiabá,
31 de Março de 1909.

(ASSIGNADO). Amarílio A. d' Almeida.

Louvores sejam dados a quem assim procede!

Cuiabá: Abril—1909.

Estevão de Mendonça.



Combate memoravel

A historia militar do Brasil cujas paginas se desdobram desde alguns annos após sua descoberta está assigualada em todas ellas pela nossa bravura; a guerra do Paraguay é felizmente uma successão de feitos brilhantes embóra mal apparelhados estivessem então nossas forças.

A data de 10 de Abril lembra um desses feitos do exercito e da marinha de guerra, o combate da Ilha da Redempção em 1866.

Em frente ao Itapirú, fortemente guarnecido pelos paraguayos, existiu a ilha da Redempção que o commando em chefe das forças alliadas acampadas na outra margem resolveu mandar occupar por uma força ao mando do valente tenente coronel Willagran Cabrita.

Essa operação foi realisada por 452 homens do 7º. de voluntarios de S. Paulo, 400 do 14. de infantaria de linha composto em sua maior parte de guardas nacionaes, 100 do batalhão de engenheiros e alguns La-Hittes e morteiros dirigidos pelos capitães Tiburcio e Moura.

A's 7 horas da noite de 5 de Abril foi iniciada a operação de desembarque das forças de occupação da ilha e ás 6 horas da manhã rom-

piam o fogo de artilharia com os canhões e morteiros assestados em trincheiras e abrigos construidos durante a noite, auxiliados pelos encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*, canhoneiras *Henrique Martins*, *Greenhalgh* e *Chuy*.

Do dia 6 até 9 de Abril não cessou entre o forte e a ilha o duello de artilharia.

A' noite de 9, porem, os paraguayos resolveram tomar á viva força a ilha cujos fogos estavam causando grandes damnos ao forte Itapirú; 1200 paraguayos, protegidos pela escuridão investem contra a ilha e ahi desembarcam de surpresa.

As sentinellas avançadas são mortas á machadinho e espada e a força caminha sobre as trincheiras sem disparar um tiro, sób um cauteloso silencio.

Subito ouve-se um tiro ao longe: era o alarme. A guarnição corre ás trincheiras e o inimigo esbarra diante de cerradas descargas da infantaria. Cabrita calmo e imperturbavel percorre toda a linha de fogo levando Tiburcio o socorro de sua artilharia aos pontos mais vulneraveis da defesa.

O primeiro assalto é repellido mas segunda columna investe de novo contra as trincheiras; a mesma

chuva de balas recebe os assaltantes. Enquanto na ilha se desenvolve aquelle combate encarniçado na outra margem do rio as forças alliadas n'uma ansiedade dolorosa escutavam seu rumor sem poder divulgar cousa alguma nem transportar-se em auxilio da guarnição.

Mas vinha raiando a manhã de 10 de Abril e então viu-se a guarnição da ilha saltar as trincheiras e carregar á bayonetas os ultimos paraguayos que ainda luctavam.

Por outra parte a *Henrique Martins* e a *Greenhalgh* approximando-se da ilha varriam á metralha o canal e mettiam a pique centenas de canoas tripuladas pelo inimigo.

«Um raio de sol rompendo as brumas da manhã baten em cheio sobre a parte superior da haste da bandeira; um brado unisono sahia de todos os peitos: Lá estava flamejante

o pavilhão auriverde, altivamente desfraldado ás brisas da madrugada!»

Quiz, porem, a sorte que o heróe d'aquella brilhante defesa alli findasse a serie de glórias que conquistára: depois do combate Willagran Cabrita recolhera-se a uma chata que servia de deposito para tomar uma refeição e alli uma bomba atirada do Itapirú veio explodir, matando-o.

A ilha da Redempção ficou juncada de cadaveres; 640 paraguayos alli tombaram, pelo rio innumeras canoas foram apanhadas cheias de cadaveres e outros pereceram afogados.

Foi esse feito memoravel das armas brasileiras contra paraguayos não menos bravos que o pincel de Pedro Americo registrou nesse bello quadro.

F. Rodrigues.



Entrada do Asylo Santa Rita (Antes de ampliada) Curitiba.

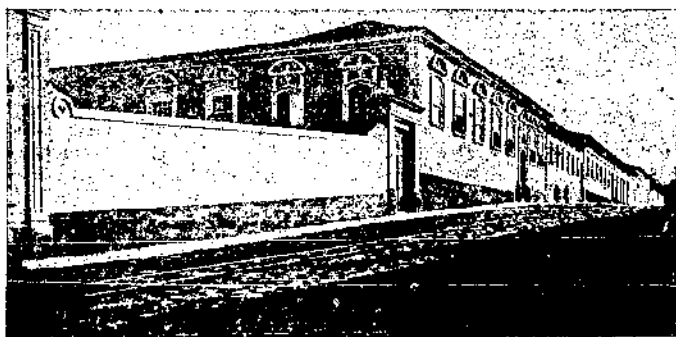
Cuiabá!



AIS quatro clichés de vistas desta cidade, hoje apresentamos ao nosso respeitavel publico, que se recom-mendam não só pela bôa esthetica, pelo molde sympathico de que são dota-das, como também pela importancia do caracter moral que ellas repre-sentam.

Em esse predio, na paz santa das almas simples moram as preceptoras de um bom numero de meninas que vão ali soffregas na ambição do pro-gresso, haurir as explicações do tra-balho domestico, as instruções e admoestações imprescindiveis para o fiel desempenho de seus papeis, quando formarem parte do organis-mo social.

Em predios dessa ordem, em estabelecimento d'esse jazez que pal-



Palacio Archi-episcopal - Cuiabá.

Em primeiro lugar, lancemos um golpe de vista ao Asylo de Santa Rita, esse vasto predio, a cuja som-bra protectora, residem as zelosas Ir. de Caridade da Immac. Conceição; consideremos por um momento esse edificio destinado a coisas nobres que realçam-se no dominio social.

pita e desabrochar a grande alma da sociedade.—a mocidade,—em cujos labios estampam-se rissonhas esperan-ças reflecte o porvir da terra!

Occupa a rua 13 de Junho, e pelo exterior não se pôde fazer idéa justa dos compartimentos que ha lá por dentro: confortaveis accomoda-

ções divididas sabiamente propriamente para o limpa que se destinaram. o Asylo de Santa Rita offerece ás educandas agasalho de solara.

A' frente a rua socegada, calada, paralela, um tanto estreita: as casas, na maior parte baixas.

Agora passemos a um outro edificio a que devemos dispensar um pouco de attenção, é a residencia do S. Ex. Rm. Sr. Arcebispo B'po D. Carlos Luiz d'Amorim.

Situado á mesma rua, é mais

com uma devota capella, onde nítidamente transparece o bom gosto pela arte.

Vejam os outros edificios: subamos a rua 13 de Junho, andemos mais uma centena de metros para de bom ponto, contemplal-os.

Do alto, pelo o Thesouro do Estado, do curra Igreja Matriz e entre outros o ex-quartel do 8.º batalhão de infantaria.

No Thesouro, edificio importantissimo, visto o, assenta-lo em posição



Igreja Matriz "Bem Fieis" - Caldas.

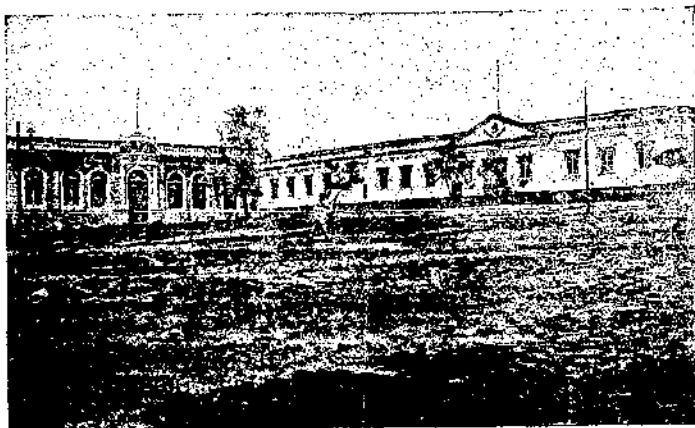
vistoso pela posição e garbo, offerecendo-nos á vista a imagem de um palacete.

Interiormente bem dividido e cuidadosamente ornamentado, o Palacio Archi-episcopal deleita-nos a vista e desperta-nos a intelligencia em apresentando a sua architectura e esthetica tão bem relaccionadas e harmoniosas.

E' uma obra engenhosa, mórmente no seu interior enriquecido

admiravel, fervilha o enxame social em pó do ouro, do dinheiro; e na Igreja os devotos todos em passos surdos entram, sussurram rezas desfiando rozaños, n'um balbucio d'alma poveada de Fé.

Uns ajoelham-se, mãos diante do peito, olhos no alto, suspirando pedem pela salvação do parente morto; outros curvam-se, aderando ao Deus do céu e da terra. E todos retiram-se consolados e esperançosos.



Quartel e Thezouro do Estado—Cuiabá.

Esperança e consolo que residam nas almas puras, outorgadas divinamente pela Religião.

A Matriz paira no alto da Praça Bispo D. Carlos, bem branca rebrilhando a luz solar, e como num campo de combate tremula sempre uma bandeira, ella apresenta lá no alto da torre para que todos vejam, a sua bandeira sempre altiva e vencedora —a cruz— symbolizadora imagem do amor, da sublime virtude da Fé.

O ex-quartel é baixo, menos sympathico ás vistas curiosas; e o que torna-o ainda mais feio, é a belleza

do Thezouro do Estado que offusca-o.

Não muito lembrado, este edificio que cobriu centenas de militares brasileiros, apresenta-se-nos numafeição fortemente desconsoladora e triste; as suas paredes do fundo já estão esboroadas, breve talvez tudo será escombros. E ao povo, ao seu espirito innovador e progressista, apreciador do bello, appellamos, consciös duma resolução mais auspiciosa.

Cuiabá—19—4—09.

O. de Barros.



Oração fúnebre

Pronunciada pelo Revm. Sr. P. Luiz Montuschi, na Capella de N. S. Auxiliadora do Lyceu Salesiano, no dia 23 de Março p. p., por occasião das solennes HONRAS FUNEBRES, em sufragio ás victimas de Mezrina e Reggio-Calabrizia.

Exms. Senrs.

MASSILLON, o grande tribuna da palavra do século XVII, ao pronunciar o magistral discurso fúnebre de Luiz XIV começava: «Só Deus é grande, oh Senhores!» phrase simples si quizerdes; mas que encerra a verdade mais palpavel e eloquente.

Só Deus é grande, oh Senhores, repito tambem eu neste instante, e sua grandeza eloquente por extremo, contemplo na creação de um numero infinito de estrellas, que no céo, prescrevem suas orbitas, vejo sua grandeza em crear o sol, que tudo alumia, tudo fecunda; em crear aquella lua tão meiga, tão mimosa!

Só Deus é grande, oh Senhores, em crear este numero illimitado de seres que povão os mares, as florestas, a terra inteira, e o conceito de sua grandeza sobe de ponto ao considerar como ligou intimamente entre si estes seres, e todos elles reconhecem o dominio supremo do homem, merecidamente definido — microcosmo — pequeno mundo!...

E porque Deus é grande, eminentemente grande, formulou leis escriptas, necessarias para nós, contingentes para Elle, que provam sua grandeza tão soberana.

Leis que não só regem o mundo material mas o mundo moral outrossim, comprovando cada vez mais, que o Ente Eterno tudo governa em peso e medida!...

Abramos a historia, meus Senhores, esta matrona veneranda, na expressão do summo Cicero, julgadora dos tempos, luz da verdade, mestra da vida, cabalmente nos prova e testifica a grandeza de Deus.

Ella nos apresenta os grandes imperios, as grandes republicas, que se formam, fogos fúteis resplandecem, e desaparecendo, arrastam consigo homens, individuos, feitos e cousas...

A historia, mudando o nome, conforme o reino que estuda, enfrenta altiva, vencedora insuperavel, qualquer questão, e levando nossa intelligencia de estrado em estrado, vai subindo até o throno de Deus, e perante Elle se prostra reverente, reconhecendo sua unica e verdadeira grandeza.

Deus ludens in orbe; Deus que brinca no mundo, ella diz!...

E Deus que brinca suscitando Ninive e Babilonia, — Deus que brinca permitindo que Roma domine o mundo inteiro, Deus que brinca mandando, os Cesares, Augusto, Philippe, Alexandre, Luthero, Napoleão, Gregorio, Estevão, Leão XIII, Pio IX, e porque brinca, d'elles se serve, de diferentes maneiras até contrariar, em diferentes tempos e epochas, para que mais bella appareça sua gloria e seu poder!...

A historia, grimalda immensa formada por innumeros fios encolbertos por crepe, nos mostra em

vãos pindaricos sobre as azas dos genios cosmopolitas, as grandezas de Deus; não nos que narrando as innumeras calamidades que sombras interminas dão mais realce ao poder divino!...

Tudo o ser reconhece as grandezas de Deus e concorre com suas notas a formar mais robusto o cantico dos céos: *Osti narrant gloriam Dei et opera manum ejus annuntiant plenamentum* — Os céos narram as glorias de Deus e a obra de suas mãos a decanta o firmamento.

A humanidade, persuadida das grandezas de Deus, as decanta na lyra dos poetas, nas paginas dos oradores, nas arrastadas obras de architectura, nos monumentos e templos, onde a alma se enleva feliz, e pronunja entusiasticamente as epopeas de Genuci, Palestina, Cherubini, Pavesi, Carlos Gomes.

A humanidade decanta as grandezas de Deus, erguendo os templos de S. Pedro em Roma, de S. Paulo em New York, Notre Dame em Paris, da Candelaria no Rio de Janeiro, como tambem as capellas nas cidades e aldeas do interior do nosso immenso Brasil, onde a alma christã se perde em um mar de poesia...

...Não foi Seidl res o canto da alegria, nem a magestade do rit, o que nos chamou a este templo; mas sim, a recordação de um acontecimento lugubre e triste a repetir-nos:

Só Deus é grande, oh Senhores.

O negro crepe dependurado ás paredes, o cadafalso que ali se ergue, não menos que o porte dos singulos individuos, falam-nos que nossas almas estão conpunctadas de tristeza, recordando ellas um d'esses cataclismos que perturbam o mundo inteiro, e marem a epocha nos annes da historia.

E a hecatombe de Messina e Reggio que recordamos!!!!

Oh sol, que com exactidão inapontavel prescreves a tua orbita, meiga lua, que spansas as trevas da noite, estrellas fugitivas que sessenta vezes seculares presenciastes os grandes factos da humanidade, quando, oh! quando a morte tomou aspecto tão terrico e assustador?... Talvez em Carthago, Lipsia, Waterloo, Mouladen?...

Oh não! a hecatombe não foi tão numerosa, e mais, era esperada... Os soldados que cahiram ligaram a propria individualidade a historia merecendo o nome de heroes... e a humanidade com reverencia e amor guardou seus nomes.

Acaço, é este o preludio do fim dos seculos, quando os arautos celestes, percorrendo os céos chamarão os homens todos ao juizo, é o grande cataclysmo, em que termina a vida sobre esta terra?... Não, oh Senhores, não!... é o poder divino que se mostra terrico, quasi cruel, a repetir-nos mais uma vez: — *Deus ludens in orbe*.

... Meigos espiritos que prostrados reverentes

em derredor d'este altar, a lornas a Deus tres vezes santo, ide, ide pressurosos levar a lagrima de amargura e de saudade que banha as nossas faces, leve o sentimento de pejar e de dor a ummas que apertam o coração dos vobres entalados.

Ide com velocidade do pensamento, e faldes docemente as bellas azas testificas que nos é deus, recolhidos a esta igreja, despen forr umi prece, para que Deus se compadeça d'aquella terra, e de a paz eterna ás almas que perderam a vila material na grande e ingente licentimbe.

Lá nas aguas do Mediterraneo, na parte mais meridional da Italia, banha-se a grande ilha de Sicilia, tendo 30.000 Km 2 de superficie, 3.500.000 habitantes. Rica em minas de ouro e de ferro, possui tambem um solo o mais fértil, tanto que na antiguidade foi definida o colleiro d'Italia, definição que ainda merece quasi diria é um novo Eden, no qual para passar com a prosperidade material, marcharam sempre os grandes homens, tão numerosos!...

Gloriosa é sua historia: suas multiplas eidas les pullulam affrecheiras, sobresalindo entre todas Messina, a magica e bella d'opharid. Qual d'ourella vaidosa, contempla sua formosura nas aguas do mar Tyrreno, se extasia em mirar a multiplicidade de seus monumentos, obras esculpidas de arte, os bellos, gradiosos e artisticos edificios, as longas avenidas e monumentos o porto em das mais frequentados e enantados da velha Europa.

Seus habitantes, intelligentes e laboriosos occupam-se no activo commercio, e os muitos artistas e litteratos não d'amentem a tecer eidos e numerosissimos, que ligaram a propria fama á immortalidade.

E? religiosa cidade! Mas ni? a impiedade que de presente devasta o mundo inteiro, lha impede ver em seu aspecto pittoresco um vislumbre da formosura divina, e tomar motivo para se unir ao Creator: abandona-se á volupia, unicamente pensa no transitório, nas prazeres...

Men Deus! não é o universo um grandioso poema que em cantos sublimes mostra e perpetua tua gloria?... Não é a arte, na ordem material, a filha primogenita de tua infinita sublimidade?

Não é a intelligencia, o genio infallível que a Deus nos leva?...

Senhores, a carne é o alimento geralmente mais apreciado e nutritivo: no entanto os abutres preferem a immundicia, assim as paixões do homem quando não refreadas tornam-se entre tantos seres irracionales, obscurecem a intelligencia e arrastam os castigos divinos.

A intelligencia cega, desmorteada, desafia o Creator, repete na mais absurda e dura realidade a antiga fabula mythologica dos cyclopes que pretenderam derrubar o throno dos deuses. Foram vencidos...

Não sou eu quem fallar mas o "Corriere d'Italia" organo eminentemente imparcial que publica a noticia sem commentarios.

No dia 25 de Dezembro de 1908 um periodico antichlerical caricaturou o mysterio do Proscpio, e parodiando a novena do St. Natal implorava do Meinho Jesus que se manifestasse por meio de um terremoto, e no dia 28 logo nas primeiras horas quando as cidadãos estavam entregues ao sono mais doce e suave, ruc a cidade, extronou a ilha, levantam-se as aguas, cahem os edificios, nua o espantoso fantasma da morte appareceu mais terrivel e cruel...

Os navios do porto hambularam como plumas levadas pelo vento. Não ha lingua por mais eloquente, apta a representar o terrivel cataclysmo.

Esposas, maridos, filhos, crianças, velhos de venturadas eias, estão sepultados debaixo dos escombros; os poucos incolumes cheios de terror procuram fugir... para onde?... Não ha caminhos; antes o forte cabir das pedras e traves entulha as ruas de materiais, torna-se enfimemente espantoso o estado dos poucos que incolumes, tendo pitada no rosto o desespero, procuram um abrigo...

São gritos, são gemidos que se elevam de toda parte... abre-se a terra, sahem chammas que alumiam por breves instantes aquellas ruínas, tornando sempre mais tetrico, o quadro tão horripilante!...

Ac apparecer a faguira aurora, não é mais a encantadora Messina que se contempla, não mais a sua praia tão formosa, não o repicar dos sinos, não o gorgear das aves!...

Onde estão as torres que te mostravam cidade tão activa atrahindo ao teu porto os navios estrangeiros, oh! Messina!?

Onde o repicar dos sinos que chamava, ao bruxolear da aurora, os teus habitantes ao templo perante o altar da Virgem Maria tua Padroeira?...

Senhores, em toda parte reina o temor, Messina se tornou o paiz da morte...

Choros medonhos se levantam!... Pessoas semimmas correm em toda direcção sem saber o motivo d'aquella pressa... Chamam os proprios queridos, olham estaticas possuidas por um phrenesi inexplicavel.

Aqui é um moço que chama o proprio pue, acollá uma esposa que evoca a figura do marido. Em toda parte pessoas que tendo perdido por completo o uso da razão, gritam, chamam, se entregam a mil delirios; comovem, convidam ao choro.

Quando Jerusalém cabiu, não apresentava um quadro tão desolador. A propria furia dos Romanos em arrasas Cartago foi vencida sem comparação.

No entanto, contemplas d'aquella lista do mar que divide a Sicilia da Italia se movem navios em mil direcções.

Difficilissimo é poderem-se achegar á terra pois o terremoto e o maremoto se succedem sem interrupção, multiplicando os horrores. Contudo esquadras de marinheiros de todas as nações, em galantes uniformes, (emtraste singular, a desolação que reina em toda parte,) pulam audaciosas no continente e negando a exumação dos milhares de pessoas que sepultadas estão entre os escombros.

Secuns tetricas... aqui é uma jovem com o encephalo aberto, crianças esmagadas no acto em que corriam em direcção á cama da propria mãe tambem ella esmagada no proprio leito! Lá um noivado que na vespera tinha realizado o casamento, nem ha uma hora que acabara o baile, a festa!... a cama nupcial — foi campo — parece anachronismo!... — Pessoas despedaçadas, membros dilacerados se encontram em toda a parte, a terra é uma enorme armaria de carne e sangue humano!...

Os maridos se esforçam pressurosos, o telegrapho das cidades limitrophos leva a noticia feral á peninsula, no mundo inteiro, e de toda a parte se mandam socorros, alimento e fardas.

Chegam navios, embarcações, o povo augmenta de instante para instante, já lá passavam milhares de individuos que choram, gritam, procuram os parentes embora nem possam orientar-se em

demanda do lugar onde se levantava a própria casa.

É o quadro tão tetrico de continuo vai augmentando de intensidade tornando-se sempre mais denso em snascores terriveis... O hospital já está ruído; 5,000 doentes encontraram a campai... O Collegio Salesiano cahiu, sepultando 9 religiosos e 84 alumnos!!! O asylo das irmãs emnuera só uma victima!... Os edificios publicos estão todos destruidos!... A estatua de Cavour que se erguia na praça baqueou mergulhando-se no mar... a de Nossa Senhora permaneceu em sua columna!... Coincendencia singular!... Dirige-se o povo ao palseio do Sr. Bispo; ali já cabira. Com um entusiasmo superior a todo o elogio, procuram desenterrar os restos do amado Pastor! Depois de 6 horas de trabalho forçado, desobstruida está a capella, e n'ella encontram o venerando ancão que desde ás 4 horas da madrugada lá estava fazendo oração.

Está salvo, e novo Lazaro, sae do sepulchro vivo onde a sorte o collocou.

Contempla extático o sepulcro immenso que se descortina no redor, e com esforço herculeo levantando a voz profere as palavras da absolvição; seu coração de pae e de pastor zeloso, não pode mais reter a dor que qual mar encephalado se acumulou em seu peito e rompe em choro impetuoso como o vento.

Ao choro do bispo responde o choro do povo inteiro!...

Nunca, Senhores, um artista, por mais abalizado, produziu na tela um quadro tão vivo e original imprimindo-lhe o caracter do que é a religião no soffrimento e na dor...

Não acabam os abalos, em poucas horas os instrumentos sismicos accusam 100 tremores augmentando d'estante o numero das victimas que expiram pelo espanto. As matas levando ao collo os proprios filhinhos correm, pedem misericordia, auxilio, e loucas, entregam aquelles thesouros ás aguias do mar julgando colloca-las em lugar seguro.

Espantosa illusão!

Mas véde, scena indigna! Homens sem consciencia, correm como aves de rapina e aproveitando da triste situação apropriam-se do dinheiro mutilando, tirando até a vida aos legítimos proprietarios, sempre quando julgam encontrar o precioso metal: o ouro...

Senhores, eis o que é o homem sem religião, egoista — *egoista* — *egoista* — *egoista*.

Torna-se necessario que a força armada puna os atrevidos fuzilando-os, augmentando sempre mais o numero das victimas...

Mas, quem é aquelle nobre jovem, que pressuroso corre, ordena, auxilia? Seu porte tão elegante, emloca sumamente impressionado pela dor, accusa uma nobreza não comu!

É a sympathica figura do rei Victor Emmanuel, que compassivo ás dores do povo que extrêmece, qual seita que snindo do arco virginiosamente se dirige e marca o alvo, abandona Roma chega em Messina, enxuga lagrimas, leva socorro.

Nobre campeão da casa Saboia, eu te saudô. O generoso sangue, que corria nas veias de teus gloriosos avós, tornando tua dynastia tão afamada, anima tua existencia. Tu, chefe da nação Italiana, és preclara exemplo do tua consorte a princeza Helénia, rara figura de mulher, de toda digna de tua nobreza. Multiplicam-se os deus, a todos uma palavra. uma escola, um conselho, a todos curicias, amor e carinho.

Em mundo estatico, admirado applaude. Eduardo VII, rei da Inglaterra, envia aos nobres soberanos uma medalha, symbolo do elevado entusiasmo que lhe inspira o regio heroismo.

Caridade! tu sempre és bella mórmente quando originada por pessoas tão nobres!...

Porém, Senhores: multipliem, centupliem os factos horrorosos que ha pouco vos contei, na verdade 250,000 foram as victimas colhidas pela morte, e tereis uma ideia mais perfeita de quanto so deu de tetrico e espantoso na Sicilia, ha pouco mais de dois mezes.

Considerando isso a humanidade inteira tinha motivos sahijos e imeritosos de se commover á tamanha desgraça e mostrar sua fraternidade enviando auxilios, derramando uma lagrima, que no caso, mais vale que qualquer outra coisa: especialmente hoje, que devido ao progresso da civilização os povos procuram unirem-se com summo afan pelos laços do direito que bruxoleou em Haia.

D'ahi o entusiasmo de todas as nações a porfia para cicatrizar as chagas de Reggio e de Messina.

E a Italia sempre grande e magnanima, embora não carecesse, não recusa este auxilio que unicamente uma altivez insensata e egoista nega accetuar; accetia agradecida mostrando querer abraçar os povos todos do mundo n'uma fraternidade bem entendida *nobre — delicada — gloriosa*.

Primeiramente eis a grande figura de Pio X, envia um milhão: cada cardeal, 20,000 francos; as ordens todas religiosas espontaneamente alreem as portas de seus collegios aos tantos orphãos; provando mais uma vez, que a igreja catholica está sempre prompta em socorrer as misérias, nunca n'ella faltando as immortaes figuras de Leão X, Julio II, Pio V, Francisco d'Assis, Vicente de Paula, Lodovico da Casoria, D. Bosco e innumerados outros. — Seguem o exemplo os deputados, os cascos commerciaes, os governos todos do mundo, salientando-se o nobre e generoso governo Brasileiro com 500,000\$000.

Caridade, arvore nascida aos pés da cruz do Homem Deus, robusta estás espalhada no mundo inteiro; eu te saudô e te admiro, não ha muro, não ha espaço que te retenha!!!

Senhores, discipulo humilde da Religião Catholica Apostolica Romana, antes, seu ministro, embora indigno, e como tal profundamente convencido em minhas crencas religiosas longe estou de julgar (como poderia entender alguém) que a ingente catastrophe depois do artigo do perdido jornal sectario, seja um d'esses castigos extraordinarios com que Deus puniu por vezes a humanidade quando d'Elle se afastou, e que a historia veridica nos testifica...

Tolerante, sumamente tolerante admitto antes n'isso uma fortuita coincendencia; coincendencia porém que falla eloquentemente ao meo coração catholico, o não pode não impressionar tambem a todos os espiritos rectos e cultos que em materia religiosa não dividem minhas opiniões.

Essa coincendencia diz que Deus preside aos destinos humanos, e que toda a creatura deve reacear declarando-se-Lhe, tanto pelos factos, como pelas palavras, inimiga; porque quando ella nos espera, o Orendor a chama ás contas, não Lhe faltam os meios.

Catholico — desprezo com toda a energia do minha mente a impiedade triste dos que tomam occasião da catastrophe de Messina para argumentar contra a existencia de um Ente Superior,

que tudo dirige e regula; ou então d'aquelles que acreditando na sua existência blasphemam chamando-o *cruel*. Contra esses todos, o estudo mais elementar da religião apresenta uma resposta *concreta, determinativa, cabal*: Deus, todo poderoso não contrariando nenhum dos seus attributos brinca no mundo, provando que só ELLE É GRANDE, EMINENTEMENTE GRANDE.

O camponio olhando para o céu não encontra n'elle nenhum attractivo; não raro, confusão; Klepler, Galileu, Newton admiram uma ordem perfeita, uma harmonia a mais completa, delicada, sublime. Qual d'elles se engana? E para se lastimar que um advogado, um medico, um engenheiro, qualquer outro sabio estude IO, e mais annos suas materias, sahindo da academia com horizontes tão limitados que paulatinamente vae augmentando, e queriam todos sem estudar esta religião tão bella, pronunciar juizo sobre as questões mais deliadas e difficeis. A religião catholica não teme a sciencia, mas sim a ignorancia e preconceitos. Na qualidade de sacerdote surge-me expontanea uma pergunta que deve interessar a curiosidade dos meus nobres ouvintes!...

250.000 individuos em poucos instantes furtam-se da terra; e as 250.000 almas correspondentes onde estão?... Como Xerxes que antes de travar combate amargamente chorava em pensar que muitos dos seus valorosos perderiam a vida; lagrimas de amargura me rolam pelas faces, me inundam o coração pensando que muitas d'ellas estariam eternamente perdidas e outras nas chammas vivissimas do Purgatorio! Esta consideração deve recordar a todos nós as palavras do Evangelho: *Estote parati, quia qui hora non putatis filius hominis veniet*.

Estae preparados pois no momento em que meos esperades, virá o Filho de Deus pedir-vos conta de vossas obras.

Agora seja-me permitido mandar, d'este lugar sagrado, minha voz, a ti bella e formosa Italia, tão grande sempre, tão triste na dor profunda...

Saúdo-te recordando uma pagina de tua historia.

Saúdo-te quando, apenas formado teu povo, dominavas o mundo inteiro, tornando-te celebre com Cicero, Cesar, Horacio, Virgilio, mil outros. Mais tarde, abraçando o Christianismo, em contraste n'elle o maior effeito de tua grandeza. A cruz que resplandecia rutilante no céu com o distincto: *In hoc signo vinces*, com este signal vencerás. — cruz que enfeitou o Livro dos valorosos soldados de Constantino, era o emblema mais proprio de tua gloria futura pois representava a dor que sempre foi-te companheira inseparavel; e os raios luminosos o resplendor da gloria que te acompanhou na tua historia de 20 seculos.

Dominaram-te os barbaros, e tu Italia, soffreste e fuste grande; com Leão III, os venicenses e os tornaste grandes apontando-lhes a cruz.

No Medio Evo tua fama não foi retida pelos teus coufins, ligaste á historia os nomes mais gloriosos nas artes, nas sciencias, nas lettras.

Afirmadas foram tuas communhas, tuas republicas, formas do governo sobre as quaes se basearam as ontras, sobresahindo entre todas Genova e Veneza. — Dante, Petrarca, Tasso, Michelangelo, Cellini, Leonardo da Vinci, Cimabue foram os arautos de tua gloria.

Malturada por potencias estrangeiras, soffreste

a dor mais cruel, o chegaram a hora de tua independencia, tomando as armas contra um inimigo quatro vezes superior, virilmente pugnaste, firmando tua unidade a gloria mais bella que coroa tua fronte. Desde então progrediste na vanguarda do progresso, de maneira admiravel.

Acceitando tua unidade sem justificar os principios, te saúdo, ó Italia bella e gloriosa... porém uma duvida mitiga minha alegria!...

Todas as nações têm um zenith, chegando ao qual ellas declinam, vindo pois teu progresso tão altivo, tão bello, receio que o regresso seja agora o caminho que deves percorrer. Vejo em ti mil partidos a dilacerarem-te o coração, todos elles potentes, todos elles terriveis, e o que mais, almejam o mesmo alvo: *arrancarem de teu coração a fé prohibida e tirando de teu povo a instrucção religiosa*.

Italia, vê o perigo, recorda sempre tua historia da nação catholica e eminentemente religiosa, ve, sómente a fé e a religião poderão ser teu arrimo; a lagoeira aurora de dias ainda mais bellos.

E como a cruz do Christianismo foi até hoje motivo de tuas grandezas, sacode longos a impiedade que te avilta, te martiriza, te asphyxia! Então é que fiel á missão que a Providencia te entregou, ser o foco da religião, perdurará tua gloria; e quando as dores mais bellicas, como a de Reggio e de Messina, se repetirem, pensando que o soffrimento é o crysol com que se purificam as nações perante Deus; então expiarás tuas culpas, purificarás tuas manchas, sendo sempre o que foste, oh! Italia, bella, grande, progressista....

Meigos espiritos que, prostrados reverentes em derredor do altar, adoraes a Deus tres vezes santo, ide, ide pressurosos levar a lagrima de amargura e de saudade que banha nossas faces, leve a sentimento de pezar e de dor summos que apertam o coração dos nobres Italianos.

Ide e com a velocidade do pensamento saffando as bellas azas, festinareis que nos é doce, recolhido n'esta igreja, desprender uma prece para que Deus se compadeça d'aquellas almas!

Todos nós unidos diremos com o Sacerdote — oh! Senhor, dae a todos a vossa gloria eterna!

AQUIDAUANA

QUALQUER que observar os acontecimentos de Aquidauana, não deixará de notar que esta localidade, no curto periodo de existencia, ha progredido muito mais do que quaesquer ontras de suas congeneres.

Pela lei n. 467 passou á cathogoria de villa, facto este de verdadeira justiça que praticou o governo criterioso do distincto Coronel Pedro Leite Osorio, então Vice-Presidente do Estado. D'esse anno a esta parte parece que o seu desenvolvimento tem causado admiração, notando-se

o melhoramento de algumas casas e edificação de muitas outras.

A estação telegraphica é de segunda classe, attestando assim que a affluencia de trabalhos e suas rendas mereceram aquella denominação. Foi tirada para a cidade de Corumbá uma segunda linha para attender às exigencias e dar expansão aos serviços telegraphicos d'esta estação e do d'aquella. O commercio por enquanto não possui grande actividade, consistindo em sua maioria com os habitantes da serra que sómente em certas epocas vêm com os seus carros para munir-se do necessario e especialmente de sal de que utilisam grandemente com a criação de gado. Esses carros geralmente descem trazendo para negocio, lã, couros, crinas, matte, borracha e demais generos do paiz que ainda parece serem deficientes para o consumo local, provando assim a carestia quasi que em todo tempo. Duas cousas concorrem para isso: a falta de braços dedicados á lavoura e a incompetencia no commercio fazendo com que os negociantes existentes tirem pelo minimo 50 por cento de lucro, habito esse inveterado a que o consumidor forçosamente tem de ceder.

O nosso solo uberrimo é capaz de produzir plantas e fructos de quasi todos os climas com uma exuberancia espantosa. Pois aqui mesmo tive occasião de ver uma só raiz de mandioca com o *pequeno* peso de 25 kilos, arrancada no quintal da casa de propriedade da estação telegraphica.

A fertilidade do nosso terreno está cabalmente provado debaixo de todos os pontos de vista, mostrando-lhe a natureza mais prodiga e incansavel do que em outras partes. Urge que agricultores intelligentes e operosos aproveitem essa exuberancia expon-tanea, essa grandeza indescriptivel

das nossas florestas, cuja magestade produz admiração aos viajantes e provoca a investigação dos naturalistas.

Aquidauana é, sem lisonja alguma, um dos recantos mais futuros do sul da minha terra natal, como asseguram todos aquelles que a conhecem. O rio é navegavel, necessitando apenas uma limpeza e a destruição da pequena cachocira que se acha abaixo do porto geral, para facilitar-se a navegação em tempo de secca.

Emtanto já tive occasião de lêr na Gazeta Official uma verba lançada pelo Governo da União para a limpeza dos rios Cuiabá, Miranda e Aquidauana; até hoje aguardamos a execução d'esse plano grandioso, cuja realisação será o inicio de grandes melhoramentos, assim como a da projectada Estrada de Ferro Noroeste de imprescindivel beneficio para Matto-Grosso e outros Estados do Brasil, que ufanar-se-ão em ligar-se mais estreitamente a um irmão colosso e gigante! Venha, pois, a Estrada de Ferro que incontestavelmente será para nós uma fonte perennal de magnificas vantagens, uma arteria possante que nos trará somente incalculaveis beneficios e engrandecimentos! Praza aos céos que Aquidauana brevemente se transforme em um centro populoso e adiantado de civilisação, em um emporio brilhante de todas as energias e actividades humanas!

Ninguem pode negar que a villa de Aquidauana está reservada para grandes concepções, para uma elegante e notavel cidade, quer pelo seu clima salubre como pela sua vantajosa posição topographica. Não cesso de erguer as minhas preces aos céos fazendo votos ardentissimos para que a realisação de tão importante problema seja a mais breve possivel.

Aquidauana, Janeiro de 1909.

João Nunes da Cunha.



Conselhos aos criadores de Abelhas

As plantas melíferas (1)

Empregamos este termo para todas as plantas que fornecem às abelhas nectar ou pollen. No Brasil as abelhas podem sair todo o anno — excepto alguns dias — e até no inverno acham pollen, e não raras vezes também mel. A verdadeira safra do mel cãe, porém, entre fins de Agosto até fins Abril. Mas isto não quer dizer que sempre haja mel n'essa quadra, sem haver interrupções. Sómente annos muito bons dão mel em abundancia em todos os mezes referidos.

É de grande utilidade que o apicultor trate de informar-se sobre as circumstancias locais do alimento para saber com que planta deve contar, bem como de que planta deve esperar obter rendimento. Se não se trata d'uma criação de abelhas dependente de casualidade a apicultura basea-se nos estudos supra mencionados e nas observações sobre a flora mellífera.

Vamos enumerar algumas plantas fornecedoras do mel.

O «pecegueiro», o mena-reiro da primavera, distribue abundantemente o pollen, e o nectar em quantidade menor. No tempo da flôr do pecegueiro as colonias de abelhas principiam a ter vida nova, de mais vigor.

A «laranjeira», que ordinariamente já floresce no mez de Agosto, é a primeira que constitue a fartura plena da primavera. A flôr da laranjeira é rica de mel e dá um producto excellente. A cultura das laranjeiras nunca será recommendada sufficientemente.

No matto virrem florescem na primavera, além de diversas qualidades de cipós, a «pitanga, cereja, guavirova, araçá» e outras mais.

No campo encontramos, especialmente no principio da primavera, também algumas flôres com mel.

O Cinnamomo, cultivado por causa de sua sombra, fornece boa lenha e cresce com rapidez. A arvore floresce muito abundantemente antes do desenvolvimento completo das folhas. As abelhas visitam o cinnamomo, com preferencia.

O «Chatium», (Mari molle) dá muito mel, porém a sua qualidade não é da melhor.

(1) As flôres não produzem mel, mas nectar. É a abelha que transforma mediante a acção da saliva e de um acido especial o nectar em mel; por isso os entomologistas chamam a abelha «mellífera» e não «mellífera». As plantas melíferas chamam-se «nectaríferas» e não «mellíferas» como faz o autor.

Em seguida ao *Chatium* floresce o «Angico». O mel é claro e de uma qualidade superior. Infelizmente o Angico em alguns annos não produz flores. Isso não então é uma grande falta, que não deve escapar á attenção do apicultor.

Unha de gato» tem flores no fim do anno; estas são muito visitadas pelas abelhas e dão um mel amarello.

Açouto-cavallo, tem a fama de possuir qualidades curativas. A sua florescencia cõe nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. Infelizmente tambem esta arvore, que se encontra geralmente nas varzeas dos rios, não floresce todos os annos com igual vigor.

Na ultima quadra d'esta estação de flores (Março) tambem apparecem as flores da:

«Vassoura e da Herva lanceata». Além d'estas ainda outras plantas pequenas, á beira dos caminhos, em roças pouco limpas ou em terras sem cultura, são fornecedoras.

O Ingazeiro floresce duas até trez vezes no anno e é muito estimado pelos apicultores.

Das plantas cultivadas em nossa agricultura sejam mencionadas: Milho, Fagopyro, Aboboras, Melões, Alfafa, Phacelia», etc. Eu introduzi esta ultima no Brasil. Não serve só para o pasto dos animaes, tambem é uma das melhores plantas mellíferas.

Das arvores silvestres ainda menciono a «Cabriuva e o Louro. O Maricá» parece dar unicamente pollen, tem flores brancas e assemelha-se á Unha de gato.

Com a relação acima não está esgotado o numero das plantas mellíferas. Assim, como o descrevemos, se acham as condições do alimento para as abelhas aqui em Taquary. Em outros lugares são outras; por isso cada apicultor deve ter, como já dis-

semos, a sua propria tabella da florescencia.

Os inimigos das abelhas

Em primeiro lugar devemos mencionar a inexperiencia do apicultor vulgar que é a origem de grande mal na economia das abelhas por causa da sua intervenção errada.

Muitas vezes as abelhas soffrem em consequência da aspereza do tempo, principalmente na primavera. Quando nos cortiços já se acham promptos muitos favos de incubação, não raras vezes vem uma quadra de prolongadas chuvaradas, que impede ás abelhas a procura de alimentos. A grande quantidade das larvas gasta em pouco tempo as provisões existentes, e assim pode perigar uma colonia, se o apicultor se descuida e não trata de nutril-a eventualmente.

Muito prejudicial para as abelhas são umas qualidades de formigas, a formiga de correção e a formiga grande de assucar, de cor amarella que só apparece de noite.

Astracões da cêra que principalmente fazem um mal enorme nos colmeias mal dirigidos, pertencem á classe dos inimigos maiores das abelhas. Se as abelhas fêm cortiços convenientemente construidos e formam um povo forte, as traças só podem fazer um mal insignificante ou nenhum.

Uma das primeiras condições é a grande limpeza no colmeial, e nunca deve se deixar ali restos de favo porque aliás protege-se sómente a criação das traças. Se não é possível derreter logo os restos da cêra, é necessario expol-os ao sol; depois de serem sufficientemente aquecidos e amassados formão-se bolas consistentes, que se guardam em um lugar bem ventilado. Cortiços vazios e principalmente os seus quadrinhos devem

ser conservados sempre no estado de maior limpeza, expondo os repetidas vezes ao ar; a luz e o ar são os maiores inimigos da traça da cêra. Também uma qualidade de vespas destróe muitas larvas d'esta traça da cêra.

Como as traças conseguem entrar nos cortiços? Logo que anoutece estas borboletas nocturnas, das quaes ha duas qualidades, rodeiam as silhas esperando uma occasião para a entrada ás escondidas. Facilmente isso conseguem se a colmeia tem diferentes portas, que não podem ser defendidas regularmente ou que não podem ser tapadas. Se as abelhas, em dias frescos se agglomeram em um ponto e não se acham espalhadas sobre todos os favos, as traças, em colmeias assim descuidadas, podem pôr os seus ovos directamente nos favos não defendidos e o mal está feito.

Dos ovos nascem as larvas insaciáveis, que fazem as suas galerias nos favos de incubação debaixo das tampas de cêra, sem as abelhas poderem oppôr resistencia. A criação das abelhas soffre immensamente, e muitas vezes fica embrulhada nos tecidos das traças de modo que não pode sair das cellulas. Muitas vezes encontram-se abelhas novas, recém-sahidas, com azas defeituosas; isso é um signal certo de que ha traças na colmeia.

Quem nas suas silhas tem colmeias com quadros moveis, facilmente pôde destruir as traças na occasião das revisitas. As minas de cêr debaixo das tampas de cêra nos favos de incubação, são os signaes da presença d'estes inimigos. Collocando um favo d'estes por um momento ao sol, dando umas pancadas leves nas taboinhas do quadro, as larvas logo vão sahindo e caem no chão. Também pôde-se introduzir na mina um objecto ponteagudo movendo-o até dar com a moradora.

As taboas do fundo dos cortiços devem ser conservadas sempre limpas.

Os sapos são igualmente exterminadores de abelhas. Não encontrando outro meio de defeza deve-se fazer em roda de todo o colmeial uma cerca de taboas da altura 40 a 50 ctm., a qual elles não podem transpôr.

As aranhas que apparecem nas silhas devem ser destruidas, assim como se deve proteger os passaros inimigos das mesmas. D'entro os passaros devem ser mencionados como inimigos das aranhas a andorinha, o pica-pão pardo e o siriri.

Emílio Schenk

(D'O Entomologista Brasileiro)



Roteira da navegação

DO

Rio Paraguai

desde a foz do São Lourenço até
o Paraná

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Malgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVÃO de MENDONÇA

(Continuação)

Na altura da Pena hermosa principia na margem esquerda a ribanceira de *Piedras partidas*, formada por grossas pedras, que parecem amontoadas uma sobre outras. A esta costa, que tem como 6 milhas de comprimento, segue-se por outras 6 milhas a de *Campiché*, lombada pedregosa e cuberta de mato; o rumo geral he de Sul.

Dahi vira e rio a Leste, e, em distancia de 8 milhas, vai banhar a base do serro de *Hapuch-mini*, cuja ponta principal forma na beira do rio hum paredão de pedra calcaria. Parece ter como 12 braças de altura. Em *Hapuch-mini* principia o rio a dar hum grande volta; ambas as margens são baixas; em distancia de 10 e 11 milhas, a rumo geral de Sul, está o *Arricife*, lugar assim chamado por causa de humas restingas de pedras que atravessão o rio, e tornão este passo o peor de toda a navegação. 5 milhas adiante está a *Villa do Salvador*, situada sobre hum pequena lomba de mui suave declivio e distante do rio 200 a 300 braças. Aqui existia outr'ora o Presidio de *Etevegá*, que foi destruido pelos Indios. A Villa está-se edificando de novo: as cazas são poucas, terras e quasi todas cubertas de palha; ha com tudo huma olaria, e a eza do Comandante he de ludrilho. A população he muito pobre; compoem-se de familias de pardos mandada ali conduzir pelo Governo, que lhes abona ração de carne, mate e sabão. Segundo sou informado, ha da vizinhança excellentes campos de criar gado, bons matos, e terras das quaes se extrahiu com pouco tra-

balho grande porção de sal de boa qualidade; ha também abundancia da herva mate, e o solo he muito proprio para a cultura do fumo. He aqui que se fabrica, com pedra tirada de *Hapuch-mini*, toda a cal que se gasta nas construcções da Capital.

15 milhas abaixo da Villa do Salvador entra na margem esquerda humba bahia na qual desagoa o ribeirão *Elagatia* de pouco cabedal e breve curso: 1 milha adiante e de mesmo lado ha outra bahia que recebe o ribeirão *Napeghe*, ainda mais pequeno do que o antecedente. Mais abaixo 1 milha está a Piquete de *Potrero poná*.

Os piquetes e guardas, que de ora em diante terei frequentes occasiões de mencionar, são postos militares estabelecidos principalmente para prevenir ou reprimir as incursões dos Indios do chaco no territorio da Republica, onde ás vezes vêm elles roubar o gado das fazendas e cometer outras depredações. Quasi todos estes pontos estão collocados sobre o baranco da margem oriental. Do lado do chaco, e da Assumpção para baixo, havia tão sómente quatro; duas forão abandonadas, ficão subsistindo tão-sómente as de *Orange* e *Formoso*. Estas duas guardas, que são as de melhor apparencia, constão de hum quartel assaz vasto e cuberto de telha cercado por huma estacada rectangular de 10 á 15 palmos de alto, flanqueado por quatro guaritas, em que podem accomodar-se 15 ou 20 fuzileiros. As da margem esquerda, construidas do mesmo modo, não estão em tão bom estado. Na frente de todas, attrahe a attenção o mandrullo, que he huma guarita elevada sobre 2 ou 4 esteios de 40 a 60 palmos, e donde a vista estende-se muito ao longe. Alguns Piquetes tem também estacadas e soffivel quartel: outros não tem mais que hum rancho de palha. A guarnição de hũa guarda he de 20 a 30 praças, a de hum Piquete de 10 ou 12. Em hums e outros ha canoas que servem para rondar o rio. Em varias partes ha na vizinhança fazendas de gado. Por via destes postos qualquer communicação transmittre-se com rapidez, por terra ou por agua.

Abaixo de *Potrero poná* dá o rio duas grandes voltas, sendo o rumo geral o de S. E. e em distancia de 10 milhas entra-lhe pela margem esquerda, em terreno baixo e alagadiço, o rio *Aquiduran*, anti-

gamente chamado *Parahí*, e por alguns *Guaranibare*.

Do Aquidavan para baixo corre o rio a S. S. E.; ha na margem esquerda muitas praias de pedregulho e pedras que avançam em partes até o meio da largura do rio. A 17 milhas de distancia, desagua na dita margem o ribeirão *Saladillo*; e 9 milhas adiante está a Villa da Conceição. Ha neste intervallo alguns estabelecimentos ruraes; porem as cazas de residencia distão mais ou menos da beira do rio.

Debalde procurei obter noticias do rio *Verde* que, segundo alguns geographos, corre pelo chaco e desagua por estas alturas. Entretanto vê-se na carta entre os parallelos 23° 20' e 23° 21', humma bocca, na qual entrei e reconheci que as não pouco volumosas agoas que passam por ella, tem pequena correnteza; os praticos disserão-me ignorar a origem dessas agoas, mas supponho que he este o braço do Paraguai que se separa da madre logo abaixo do lugar chamado a *Noria*.

A Villa da Conceição esta edificadã sobre a margem esquerda, em humma planície horisontal, mui pouco elevada acima do nivel das grandes enchentes.

As ruas são largas e o alinhamento regular. Ha presentemente poucas cazas, todas terreas e pela maior parte cubertas de palha. Foi este lugar outrora mais povoado e menos miseravel do que agora. Dava-lhe humma tal qual prosperidade o commercio do fumo e principalmente da herva mate que abunda nesta parte da Republica: alem da que se exportava para a Capital, grandes porções vão em direitura para as Provincias Argentinas.

(Continúa)

Uma carta do legendario Barrozo, o heróe de Riachuelo, ao Almirante Leverger. (*)

Rio, 29 de Novembro de 1870

Meu caro Amigo.

Sempre é para mim satisfactorio receber noticias dos amigos, por isso tive grande prazer em receber sua carta de 3 de Outubro p. p^a.

(*) O original desta carta pertence ao Sr. Augusto Cardozo.

E. de M.

Agradeço-lhe seus bons desejos referentes a meus olhos; aqui me acho, e luzem já 77 dias que fui operado da catarata do olho esquerdo, sem que até hoje tenha recuperado a vista. O Medico operador dá muito boas esperanças, que hei de ver, logo, que desapareça o resto da inflamação proveniente do chloroforme, que muito me fez vomitar. Esta esperança é a que me dá coragem e por isso achome revestido de toda a paciencia, pois é bastante fastidioso passar os dias sem nada fazer.

Mostrei sua carta ao amigo Tamarandá, que ficou mui reconhecido ao amigo por se ter lembrado d'elle, diz elle que se resolve a dar um passeio até aqui e se offerece a ser o piloto das etiquetas palacianas, que são mui facéis de desempenhar; pode ficar certo o amigo da alegria que teriamos assim, como o Patrão de terra de apertar-lhe a mão. Facil é a viagem nos paquetes de Conceição e de Montevideo aqui em 3 1/2 dias, isto deve animar ao Almirante a emprehender sem demora essa viagem.

Se eu não tivesse o incommodo da vista, era meu projecto mui antigo ir ver a Assumpção e chegar até a Capital de Matto-Grosso unicamente para dar-lhe um abraço e conhecer essas boas terras, porem como o homem propõe e Deos dispõe infelizmente isso não se pudera effectuar.

Espero que o Amigo, sua filha e netos gozem de boa saude e disponha com franqueza do pouco prestimo d'este seu velho amigo.

Precisando em Montevideo de qualquer não tem senão dar suas ordens a meu filho Henrique Barrozo.

Meus cumprimentos aos amigos não se esquecendo o Dr. Firmo José de Mattos.

Sem mais, me repito.

Seu am^o obrig^o e cam^a. (**)
pelo tacto

Barrozo.

(**) Como se conclue pela expressão — pelo tacto — a carta foi escripta por outrem.

E. de M.





SEÇÃO AMENNA

Contos infantis

O apostolado da infância

O apparecimento de Angelinha no quarto da pobre enferma pareceu recréal-a como uma visão celeste.

— « Vem cá, minha filha, deixa posar sobre tuas faces, em que se retrata o céo, o osculo duma mãe moribunda. »

Angela, com a candura e innocência de suas cinco primaveras, sem perceber o sentido das ultimas palavras, que lhe dirigira a doente, dam salto enleou os ternos bracinhos ao pescoco de sua mãe. Estreitando-a contra o peito, e mindo repetidas vezes em extase de amor materno seus labios descórados com as feições do pequeno anjo — primicias da união marimonial — Luiza convertia seus olhos em torrentes de lagrimas.

— « Porque chora, mamã ? » interrogou a criança ensaiando um gracioso biquinho e confundindo com o da mãe seu pranto inconsciente.

— « Vou . . . morrer . . . Angelinha. »

— « Morrer ! . . . Mas o que é morrer ? . . . »

— « E' deixar-te, amor . . . E' deixar teu pai . . . E' ir-me para Deus . . . » As lagrimas e profundos soluços embargaram por instantes a voz trémula e caudada da enferma.

Depois : — « Bem sei que não comprehendes minha linguagem. Quando fôr tua maiorsinha a entenderás. Agora só te quero pedir uma coisa. Toma sentido :

E' que depois de ouvires dizer que eu morri, reza todos os dias uma Ave Maria por mim a Nossa Senhora . . . Olha : A'quella senhora que en te mostrei tantas vezes na igreja, sabes ? Não te esqueças . . . não, Angelinha ? . . . » Um aceno de cabeça da pobre criança foi toda a resposta. « Hás-de pedir tambem por teu pai . . . Sê sempre boa, temente a Deus, e . . . » O marido e o medico entrando no quarto interromperam a conversação.

— « Que tens, Angela ? Que queres ? » perguntou Alberto observando os movimentos dos labios de sua filha, como falando com alguem.

— « E' que não esqueci o pedido da mamã : de rezar todos os dias a Senhora que está na igreja por ella e pelo papá. » Alberto, voltando o rosto, deu largas ao pranto da viuvez. Luiza, sua piedosa esposa, tinha com effeito morrido havia pouco tempo. Mas não era a viuvez o motivo unico de suas lagrimas. As duas ultimas palavras de Angela commoveram-o profundamente. Os vinte annos, decorridos desde o dia da primeira communhão, appareceram a Alberto como um oceano revoltto e tenebroso. O remorso devorava-o . . . A voz de Angela veio romper o fio de suas tristes cogitações :

— « Não ouve, papá, a chuva e o ruido do vento ? Tenho tanto medo . . . »

— « Anda. Dorme, meu anjo, que a noite vai já adiantada . . . A manhã terá um dia bonito . . . »

— « Eu não posso dormir. » Alberto empallideceu. Um pensamento lugubre

passou rápido por sua mente: «Estarei condenado a ficar só no mundo?... Depois de Luiza minha pobre Angelinha?...» Passaram noites. Angela não dormia. A doença de sua mãe era também a della. Minguavam-lhe as forças mais e mais. As cores da morte tingiam-lhe progressivamente as feições.

Era numa manhã de frio inverno.

— «Onze, papá?»

— «Ouço, minha querida. São os sinos da igreja que tocam para a Missa dos Santos Reis. Tens pena de não ir assistir?»

— «Oh!... Quanta!... No anno passado eu fui com a mamã. A igreja estava tão linda cheia de luzes e flores, e com o Menino no Presépio a ser adorado pelos Reis... Oh!... Se eu pudesse ir lá este anno sequer uma ultima vez...»

— «Não pôde ser, Angela. Não vês que estás doente, e o dia não é também dos mais appetecíveis?!...»

— «E' verdade, papá,», concordou tristemente a pequenina enferma. «Mas eu queria saber ao menos, ajuntou com vivacidade, se o Menino está ainda este anno no Presépio com os Reis tão bonito como quando eu fui com a mamã...»

— «Certamente, minha querida, elle está como então.»

— «Mas como o sabe o papá?»

— «Porque fazem assim todos os annos.»

— «E o papá tem ido lá todos os annos?»

— «Não, minha filha, mas já fui uma vez, ainda que ha muito.»

— «Oh! Se o papá me fizesse uma coisa...» pediu Angela de mãos postas e com gesto fascinador capaz de commover as pedras.

— «Estou pronto a fazer tudo que pedires, amorsinho. Anda. Fala.»

— «Eu queria que o papá fôsse á igreja vêr se o Menino ainda está deitado em palhinhas com os Reis á adorar-o, e se está tão contente como no anno passado...» expôz em tom supplicante. Alberto dominado pela commoção hesitou. Decidiu por fim:

— «Pois bem, minha filha, será satisfeito teu desejo. Mas hoje não pôde ser... Não posso deixar-te só...» Angelinha baixou a cabeça e desatou a chorar inconsolavelmente.

— «Não chores, querida, ajuntou

Alberto cobrindo a filha de beijo. Antes de anoitecer eu farei o que me pedes...» Voltando-se para o interior da casa: «Rosa!... O' Rosa!...» A criada acudiu precipitadamente ansiosa e tremendo imaginando a possibilidade d'algum grave accidente na doentinha.

— «Senta-te aqui á cabeceira de Angela e não a deixes um instante até que eu venha. Entendes?» E poisando um demorado osculo nas faces pallidas de seu anjo já sorridente, sahiu.

— «Encontrarei eu á volta ainda com vida o meu unico arrimo?» monologava Alberto meio desesperado. Distraído n'este pensamento eructante melancolico, ao achar-se defronte da igreja, quasi estava convicto de ser vítima dum sonho. Entrou. A multidão, que occupava as modestas dimensões da igreja, era compacta.

Não foi, por consequente, empreza facil para Alberto adiantar-se até á capella-mór, a um dos lados da qual estava o Presépio. Sem prestar attenção á numerosa concorrência, ao vestido de festa que cobria a nudez habitual das paredes da igreja e dos altares, ao mesmo Augusto Sacrificio da Missa, que então se celebrava, ás notas estridentes e desafortadas da orchestra que occupava o coro, Alberto postou-se defronte do Presépio, e olhou-o attentamente. Lá estava, effectivamente, o Menino Jesus, sorridente como sempre e deitado em humildes palhas, tendo a seus pés os Reis do Oriente á adorar-o.

— «Ha vinte annos, que eu observava este mesmo quadro» discorria o desgraçado. «Que mudança de sentimentos se operou em mim desde esse tempo!...» E as recordações da infancia sobrevinham-lhe umas após outras em cadeia interminavel. Sentiu-se dominar duma commoção extraordinaria. Queria sair da igreja, mas a multidão que deante delle se apresentava, aturava-se-lhe como uma muralha de ferro, impossível de transpôr. Ao mesmo tempo um padre fazia-se ouvir desde o pulpito. Suas palavras foram, para o coração de Alberto ralado de soffrimentos, como outras tantas gotas de suave balsamo. Apoiou a cabeça entre as mãos, e abandonou-se ao tumultuar de suas reflexões. Chorava...

Ao erguer a cabeça, Alberto viu-se quasi só na igreja. Uma longa hora pro-

duzira-lhe a impressão de breve instante. Da profusão de luzes, que antes illuminavam a igreja em festa, restavam tão só as do Presépio que lhe ficava defronte. Cain de joelhos. A imagem de sua filha às bordas da campa perpassou-lhe rápida no pensamento. Um rudo de esperança brillou-lhe intenso.

— « Meu Deus !!! . . . clamou o infeliz deixando correr em fio ardentes lagrimas, Deus da minha infancia, que minha Mãe me ensinou a nomear e conhecer, e que depois por tanto tempo esqueci !!! . . . Oh !!! . . . Dai-me o meu anjo, a filha querida, e eu serei sempre Vosso . . . sempre Vosso . . . »

Era tarde. Novo homem, Alberto, pôz-se a caminho de casa.

— « Thereza ! como está Angela ? » perguntou em voz submissa e num tom particular apenas avistou a criada.

— « Começou a dormir desde ha bastante tempo e despertou agora mesmo. Parece mais contente e melhor ». Alberto reclinou-se sobre o leito de Angelinha, abraçou-a e posou-lhe sobre as faces infinitos osculos com a concentração amorosa de um pai que logra vêr salva a filha que julgava perdida.

— « O menino, querida, lá está, lindo, muito lindo, como no anno passado » disse Alberto forcejando sorrir.

— « E com os Reis a adorar-o, cercado de luzes, como quando eu ia com a mamã ? » interrogou com innocente auidade a doentinha.

— « Sim, Angelinha, como quando tu lá ias. »

— « Mas . . . papá . . . porque chora ? » perguntou ao perceber uma lagrima furtiva deslizando-lhe pelas faces.

— « Nada, minha filha. Isto não é nada . . . Continúa, amor, o cumprimento da promessa que fizeste á tua mãe. Recordas ? »

— « Oh ! se recordo, papá ! . . . Todos os dias a tenho cumprido desde que deixei de vêr a mamã . . . »

— « Pois não te esqueças. A oração que de tens labios innocentes tem salido, elevou-se até Deus, e mereceu minha conversão e tua saúde. Segue, amor meu, em teu proposito. » Era deveras edificante vêr no dia seguinte, á mesa da communhão, com os olhos rasos de lagrimas, mas feliz, Alberto — o indifferente, o ridicularizador dos dogmas e praxes da Religião Christã.

A pequena Angela, por sua parte, entrou de experimentar sensíveis melhoras. Dentro em pouco, quem só a tivesse visto no tempo da doença, nem a reconheceria ao surprehendê-la em meio de suas travessuras correndo á doida pelo jardim atraz das borboletas, gritando, rindo e saltando.

S. D.

(Do Supplemento da Voz de S. Antonio)

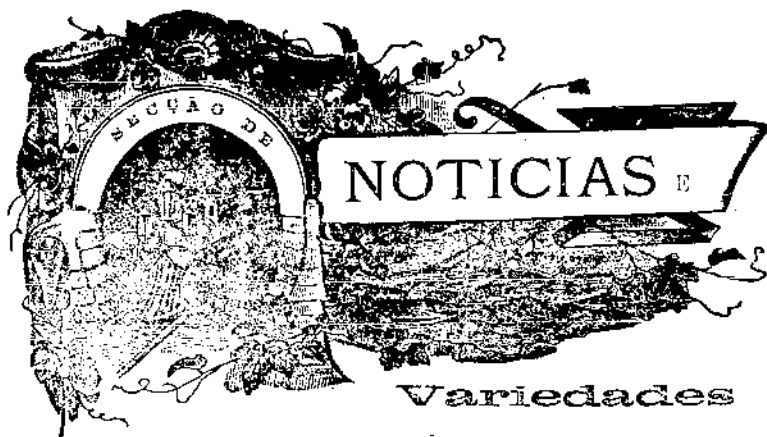


O quebra-Crucifixo

N'uma das suas visitas ao hospital, falamam ao Padre Varim (o celebre confessor da Veneravel Madre Barã, fundadora das Damas do Sagrado Coração) em um soldado cuja vida parecia um prodigio no estado de mutilação em que elle se achava. Teve a curiosidade de vê-lo. Ao approximar-se percebe um homem cuja figura apresentava um cunho de uma grande serenidade. « Meu amigo, lhe disse elle, disseram-me que as suas feridas eram muito graves. » O doente sorriu : « Levante Vossa Reverencia um pouco as cobertas, responde elle. » O padre levantou-as e recuou ao ver que este infeliz não tem braços. « Como ! diz-lhe então o ferido, Vossa Reverencia recua por tão pouco ? Levante as cobertas até aos pés. » Assim faz o Padre Varim e vê que o desgraçado não tem pernas. « Ah ! meu filho, exclama o caridoso Padre, quanto o lastimo ! »

« Não, responde o doente não me lastime, meu Pae ; eu não tenho senão o que mereço ; foi assim que eu tratei um crucifixo. Indo para o exercito com os meus camaradas, encontramos á beira da estrada uma cruz que escapára ao furor dos patriotas. Inmediatamente julgámos do nosso dever derribal-a, fui eu um dos mais diligentes ; trepei e com o meu sabre quebrei os braços e as pernas do crucifixo e elle caiu. A' minha chegada ao campo, deu-se batalha, e á primeira carga fui reduzido ao estado em que me vê. Mas bendito seja Deus ! Elle castiga o meu sacrilegio n'este mundo para poupar me no outro, como eu espero da sua grande misericordia. »





Luiz de Albuquerque

O cliché que hoje honra a primeira página da REVISTA MATTO-GROSSO é reprodução fiel de uma photographia mandada tirar pelo nosso incansavel collaborador Sr. Estevão de Mendonça directamente de um grande retrato a óleo executado em fim do século XVII, o qual hoje acha-se empoderado do mesmo nosso collaborador.

O cliché foi feito expressamente em Stockholm sob as vistas do dr. Carl Lindman, director do Museu Botanico da capital da Suecia, que d'elle fez offerecimento á nossa modesta REVISTA.

Exequias

«Realisou-se ante-hontem, ás 8 horas da manhã, como havíamos noticiado, sollemnes exequias, na elegante capella do collegio salesiano, em suffragio das victimas da horrorosa catastrophe occorrida em Calabria e Reggio, no reino da Italia, mandadas celebrar pela missão salesiana neste Estado.

No centro da capella elevava-se um rico catafalco todo coberto de crepe, profusamente illuminado.

As paredes estavam tambem cobertas de crepe e nas janelas estavam extendidas cortinas negras salpicadas de lagrimas de prata.

A concurrencia era enorme e selecta, notando-se a presença do representante do governo do Estado, dos drs. João de Moraes e Mattos, juiz federal, desembargador Ferreira Mendes, presidente do tribunal da relação, José Orlando, agente consular da Italia nesta cidade, varias autoridades civis e militares, federaes e estaduais, grande numero de pessoas qualificadas da nossa sociedade e muitas familias.

A nossa folha fez-se representar pelo seu redactor chefe o sr. Antonio V. d'Almeida.

Ao terminar a solemne cerimonia religiosa, o reverendissimo padre Luiz Montaschi produziu uma notavel oração referente á hecatombe que tantas victimas arrancou ao seio da humanidade, deixando profunda impressão no auditorio, não só pelos conceitos philosophicos, historicos e religiosos emitidos, como tambem pela belleza da forma.

Associamo-nos a essas justas manifestações de pesar pela tremenda catastrophe que cobriu do mais pesado lucto a nação italiana».

(D' A Voz do Povo de 25 de Março).

Exercícios militares

No Lyceu Salesiano de Artes e Officios desta Capital effectuaram-se, a 24 de Março ultimo, os Exercícios Militares exhibidos por 60 alumnos do Curso Gymnasial do mesmo Estabelecimento divididos em duas sessões e commandados successivamente pelo distincto sr. T.^o Gonçalo Rodrigues, Instructor militar do Estabelecimento e seu digno auxiliar o Sargento do 1.^o Batalhão de Cavallaria Mauro Guimarães.

Acharam-se presentes: o Ex.^{mo} Sr. Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, D. Presidente do Estado, o Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, D. Delegado Fiscal do Governo junto ao Lyceu e pessoas gradas da nossa sociedade.

O intelligente bacharelado Olegario Moreira ne Barros saudou eloquentemente a S. Ex. o Sr. Presidente do Estado, que, com phrases repassadas de patriotismo e dedicação para o bem da mocidade mato-grossense, concitou-a á correspondencia da iniciativa do Governo da União, cuja melhor esperanza fundá-se na educação militar da pátria brasileira d'amanhã.

Exequias

« Realisaram-se no dia 23 do passado, na capella do Lyceon Salesiano, ás 8 horas da manhã, sollemnes exequias em suffragio ás victimas da hedionda catastrophe da Sicília e Calabria, com assistência de grande numero de pessoas de todas as classes sociais.

A *Thémis* que fez se representar por um dos seus redactores, agradece a honra do convite, participando com a illustre missão salesiana e a laboriosa colonia italiana neste Estado, do sentimento de pesar por esse tão infansto acontecimento ».

(D' A *Thémis*)

« Matto-Grosso »

« A revista salesiana de Cuyabá continúa honrando as tradições d'aquella grande e desprezada terra. Acaba, com successo ininterrupto, de concluir seu quinto anno. E' certamente uma publicação de primeira ordem, e as suas collecções são preciosos subsidios á historia patria.

Um abraço de congratulação ».

(D' A *Comarca* de Mogy-Mirim)

Festa de S. Francisco de Sales

Transferida do dia 21, por causa do mau tempo, effectou-se o dia 23 do corrente, no Collegio Santa Theresa, proficilmente dirigido pelo Reverendissimo Padres Salesianos, a festa de S. Francisco de Sales, protector da conhecida e benemerita Congregação Salesiana.

Houve pela manhã missa rezada pelo Excmo. Rymo. P. Carlos Peretto, recebendo pela vez primeira o Pão dos Anjos dose ditos juvenisinhos, acompanhados no piedoso acto pelos bons alumnos do Collegio e Oratorio Festivo e muitos senhores Cooperadores Salesianos. Pelas 9 h. a. m. ascendido o degrau do altar ricamente adornado, o Excmo. Rymo. P. Antonio M. Malan, dignissimo Inspector dos Salesianos em Matto-Grosso, acolytado pelos Rvdos. José Galbusera e Kastulo Steiger. Ao mesmo tempo entoava a disciplinada *School a Cantorum*, do Collegio as harmonias de Pérossi e Haller.

A' noite, perante a elite da sociedade corumbaense e grande massa popular, realisou-se a parte recreativa dos festejos.

Dentre seus numerosos e selectos pontos, desempenhado com grande satisfação do publico, destacam-se pelo brilo e vivacidade com que foram executados, o *Hymno do Expresso*, declamado pelo intelligente alum-

no Armando Vasconcellos; o *Hymno Patriótico*, pelo pequeno Francisco Figueiró, que, pelo desembaraço com que se houve, surpreendeu agradavelmente os assistentes; o *Dialogo*, pelos alumnos Lourenço Rocha de Oliveira e Antonio de Souza Benvides, e o *Hymno du retour*, sentimental poesia declamada pelo alumno Mario Aureliano da Costa Paiva.

Com a conhecida gallardia, foram cantados pela *School* dirigida pela habil batuta do Rymo. Sr. Hyppolito Chevelon e acompanhados no harmonium pelo Rymo. Sr. Francisco Alves Corrêa, o *Hymno Salesiano* e o *Coro dos Cosinhoiros*. Mas onde os pequenos cantores superaram a si mesmos foi na *Serenata*, que encerrando serias difficuldades, tanto na mimica como nas modulações dos *à solo*, foi esplendidamente executada.

Proporcionou-nos tambem o prazer de o ouvirmos o Excmo. Padre Carlos Peretto, que em *Conferencia aos Cooperadores Salesianos*, com repassadas phrases fez resaltar a visivel protecção de Maria Auxiliadora em todas as empresas dos salesianos; e depois de ter brillantemente discorrido sobre as obras dos salesianos no Brazil, perorou concitando os Cooperadores corumbaenses a se unirem para levar a cabo a erecção da Igreja, que ha bem 40 annos, affrontando impassivel vento e tempestades, espera o tecto que dará seguro abrigo ao altar, aos ministros e aos devotos da poderosa Virgem de D. Bosco.

Fechou entusiasticamente o certamen o joven matto-grossense Rymo. Cl. Francisco Alves Corrêa, que, em sua *Saudação*, cumprimentando o Rymo P. Inspector dos Salesianos, por occasião do regresso entre nós, em vivazes phrases desenhon ante o publico as obras do veneravel D. Bosco em Matto-Grosso. Terminou agradecendo aos presentes a gentileza e dedicação que sempre dispensaram aos salesianos, e exhortando os Cooperadores—sangue vivificador do corpo da Congregação—a redobramos, se possível fosse, o ardor, em auxiliar a cabeça e os braços da mesma.—Só então, concluiu o modesto orador, veremos progredir em agigantados passos a merifica obra que se está desenrolando ante nossos olhos.

Tocou durante os intervallos a apreciadá banda do 3º Batalhão de Artilharia.

Agradecendo aos P. P. Salesianos a gentileza do seu convite, o *Atroxomista* faz votos para que se reiterem com frequencia

festejos como este, que além de proporcionar momentos de alegria e expansão á sociedade, demonstram o grau de adiantamento que atingem, em relativamente pouco tempo, os nossos jovensinhos que frequentam as aulas desse primoroso estabelecimento de educação, onde a par das disciplinas exigidas pelo programma — de conformidade com os officiaes da Republica — ensinam declamação, musica e canto, e, o que está acima de tudo, a arte de se tornarem homens de amanhã, dignos chefes de familias e verdadeiros patriotas».

(Do *Autonomista*.)

Destroyer "Matto-Grosso"

«Foi lançado ao mar, á 23 de Janeiro ultimo, o destroyer *Matto-Grosso* o quarto dos dez navios dessa classe encomendados pela União e que, com os tres contraguados e seis *scouts* também em construção, constituem o plano de augmento da nossa marinha de guerra.

A cerimonia do lançamento foi coroada do melhor exito e realiso-se perante numerosa concorrência de officiaes brasileiros, entre os quaes os engenheiros navaes Bartholomeu Silva e Rosauro, representando o almirante Huet Bacellar o commandante Altino Corrêa.

Servio de madrinha a senhora do engenheiro Bartholomeu de Souza e Silva, que finda a solemnidade, offereceu ao navio uma artistica e valiosa taça de hora.

A exemplo de outros Estados que deram o seu nome ás novas unidades da nossa marinha, S. Exc. o Sr. Coronel Vice-Presidente do Estado mandou pôr á disposição do Sr. Ministro da Marinha a importância de cinco contos de réis, afim de ser adquirida uma baixela para uso de bordo.

De uma extensa descripção feita por occasião da cerimonia a que nos referimos, passamos a resumir as seguintes notas a respeito do destroyer *Matto-Grosso*:

E' construido pela casa Yarrow & Cia. e como todos os nossos destroyers deslocará 650 toneladas, tem 240 pés de comprimento por 23,5 de boca e desenvolverá a marcha de 27 milhas por hora.

O casco é de aço de alta tensão e constituido especialmente de modo a assegurar a maior combinação possível de robustez, velocidade, facilidade de manobra e raio de acção. Este, sobretudo, será consideravel. A' toda força, poderá percorrer 540 milhas em 20 horas; com a marcha economica,

que será 14 milhas por hora, poderá percorrer 3.700 milhas, navegando sem necessidade de fazer provisão de carvão e podendo ir, sem parar, do Rio Grande do Sul ao Pará.

O systema de propulsão será constituido por duas machinas verticaes de triplice expansão e cylindros invertidos, tendo 4 cylindros cada uma accionando uma helice independente. As machinas serão do systema Yarrow, Schlick & Tweedy, compassadas, que são reconhecidas como as melhores para reduzir as vibrações ao minimo.

As caldeiras, em numero de duas, serão do systema Yarrow de dupla frente. Essas caldeiras constituem um notavel molhamento na arte naval, sendo os nossos destroyers os primeiros navios de guerra do mundo com ellas dotado. O objecto da caldeira de dupla frente é obter a mesma força com menor peso, menos espaço, menor consumo de agua e de combustivel e menor pessoal. Asseguram mais regularidade no regimem da machina e reduzem a metade o numero de chaminés, detalhe importante num navio cuja vista tem de ser difficultada ao inimigo o mais possível.

O armamento do *Matto-Grosso* será constituido por 2 canhões de 4 pollegadas, do systema Armstrong, e 4 semi-automaticos, 47 milímetros Hotchkiss, todos de tiro rapido. Os de 4 pollegadas serão montados á prôa e á pôpa, dous de cada bordo. Possuirá 2 tubos de torpedo de 15 centimetros, installados á vante e á ré, em reparos rodizios. E' esse o armamento mais poderoso até hoje collocado em um destroyer, sendo superior até aos dos proprios *scouts* inglezes, que só possuem canhões de 3 pollegadas.

Quanto ás accomodações, as dos officiaes serão installadas á ré e constarão de uma camara e de um camarote para o commandante, tres camarotes para officiaes: um para o machinista chefe e alojamento para sub-machinistas. No extremo da pôpa ficarão as accomodações para cinco inferiores.

A funcção principal do *Matto-Grosso* e dos seus congenerees será a de perseguir e destruir as torpedeiras inimigas e servir também como torpedeiro, vedeta e canhoneira fluvial.

Em operação de guerra elle se destinará a operar conjuntamente com os couraçados, aos quaes sua qualidade nautica permittirá acompanhar em alto mar. Sua denominação deverá sera de *contra-torpedeiro*.

(D'A Colligação)

OBSERVAÇÕES FEITAS AS 0. M. DE GREENWICH NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E TRANSMITIDAS DIARIAMENTE AO OBSERVATORIO

"D. Bosco"

Lat. = 22° 54' 32" S. Long. = 43° 10' 34" W Grw. Altitude = 64^m, 159
Hora local 9 h. 07^m a.

Fevereiro 1903	BAROMETRO A 0'	TERMOMETRO						VENTO		ESTADO LA REAUFORT	ATMOSFERICO	METEÓROS	NUVENS QUANTIDADE	CHUVA
		SECO	T-T'	HUMIDADE RELATIVA	TENSÃO DO VAPOR	MAXIMA	MINIMA	OSCILAÇÃO DA TEMPER.	DIREÇÃO					
1	56.20	28.2	3.4	74	21.20	29.5	23.3	6.2	NNE	2	1	—	9	
2	56.80	24.6	1.2	90	20.67	29.6	23.0	6.6	NW	2	1	nt	10	
3	57.10	25.0	1.2	90	21.19	27.0	23.0	4.0	NE	1	1	ntb	10	
4	57.20	24.7	1.7	86	19.84	27.1	22.6	4.5	—	0	1	—	10	
5	56.30	27.7	3.4	74	20.50	27.3	22.2	5.1	NE	1	b	nt	2	
6	54.50	26.0	2.4	89	20.49	28.7	22.0	6.7	NNW	2	b	ntb	4	
7	54.30	29.0	3.2	76	22.64	33.4	22.6	10.8	NE	2	b	—	2	
8	55.50	29.6	4.2	70	21.51	32.5	25.5	7.0	SES	1	b	ntb	1	
9	55.80	27.5	3.5	73.5	20.02	24.5	11.3	3.2	N	2	b	ntb	0	
10	56.90	27.2	3.6	72.5	19.64	31.5	25.0	6.5	N	2	b	ntb	0	
11	57.30	26.3	3.9	69.5	17.74	31.5	22.7	8.8	NW	1	b	ntb	0	
12	56.90	26.6	1.4	89	22.96	31.0	22.8	9.2	NNW	2	b	ntb	0	
13	57.10	26.6	3.4	73	19.05	32.0	22.7	9.3	N	3	b	ntb	0	
14	56.50	27.7	2.5	80.5	22.25	33.6	23.4	10.2	NNW	2	b	ntb	6	
15	57.90	27.2	2.4	81	21.82	30.3	24.6	5.7	E	2	enc	—	10	
16	57.30	27.2	3.2	75	20.21	30.2	24.5	5.7	NE	2	b	nt	1	
17	57.00	27.7	4.8	64	17.78	29.2	22.7	6.5	WSW	2	b	ntb	13	
18	56.20	22.8	4.0	70	19.83	31.7	23.5	2.2	ESE	2	b	ntb	3	
19	58.20	25.5	0.6	95	25.07	30.0	28.0	2.0	NNE	2	b	ntb	2	
20	58.70	27.0	3.7	72	19.90	30.1	24.3	5.8	NE	3	b	ntb	0	
21	56.60	26.9	0.9	93	24.43	30.5	23.4	7.1	NNW	1	bm	C. S.	0	
22	54.70	27.1	3.9	70.5	18.69	33.4	23.3	10.1	N	1	bm	ntb	6	
23	53.30	28.6	4.0	70	19.58	34.0	24.0	10.0	NNE	2	b	x	6	
24	56.10	27.4	2.6	80	21.70	32.8	24.0	8.8	NNE	2	b	ntb	6	
25	56.60	26.0	2.8	78	19.42	28.9	23.8	5.1	N	2	b	ntb	10	
26	55.10	26.8	3.6	72	18.95	24.9	22.9	7.0	N	2	b	nt	2	
27	54.20	26.9	3.0	76	20.21	32.4	23.4	9.0	NNE	3	b	ntb	5	
28	55.80	27.2	3.1	76	20.41	31.2	23.5	7.7	NNE	7	b	ntb	1	
MED.	56.26	27.0	2.8	77.4	20.54	27.2	23.1	7.0	—	1.7	—	—	4.1	

Observações particulares

Deram-se neste Mez 2 ch. importantes, na tarde do dia 1 e na noite do dia

2: outras menores nas tardes de 3 e 5 e na noite de 4.

Rel. e trov. acompanharam as chuvas nos dias 1, 2, havendo outras manifestações electricas longinquoas nas tardes de 3 e 23 e nas noites de 1, 2, 4, 5, 6, 7, 17, 19 e 23.

Observatorio meteorológico "D. Bosco"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFÍCIOS

Em Cuiabá, Estado de Mato Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thannhuber

Observações feitas durante o mez de Janeiro de 1909.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m.02 LATITUDE: 15° 35' 49" LONGITU-
DE: 12° 50' 7" (Occ. do Rio.)

N. DE OBSERVAÇÕES POR DIA: ÀS 7 h. m., ÀS 2 e 9 p. m. HORA LOCAL

TABELLA I

Janeiro 1909	PRESSÃO BAROMETRICA reduzida a 0° cent + 700 ^m /m					TEMPERATURA CENT. A' SOMBRA				TEMP. sol Oscillação	HUMIDADE relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	15.04	42.62	45.29	44.51	3.02	27.4	29.8	25.0	4.8	9.6	88	62	83	78.3
2	17.01	43.45	44.79	45.05	3.56	26.6	29.4	23.8	5.5	11.6	86	68	86	79.6
3	42.63	41.99	43.89	43.63	3.04	26.8	28.8	24.8	4.0	4.7	84	83	87	86.3
4	45.52	49.33	41.14	44.33	3.19	26.3	28.1	24.6	3.5	7.7	90	76	90	85.3
5	42.17	41.71	42.65	42.17	0.94	25.8	27.5	24.2	3.3	5.4	91	81	90	87.3
6	43.79	43.47	42.46	43.23	1.32	24.9	26.5	23.4	3.1	3.5	93	88	93	91.3
7	42.41	41.61	45.58	43.20	3.97	26.5	28.8	24.3	4.6	9.8	95	65	78	79.3
8	43.12	41.89	41.94	42.31	1.23	25.4	29.5	21.5	7.8	10.8	83	59	82	72.3
9	44.04	41.57	43.12	42.91	2.47	25.6	29.6	22.3	7.3	11.6	81	62	68	70.3
10	44.60	43.99	42.59	43.66	2.21	25.6	29.8	21.5	8.3	10.7	75	48	79	69.3
D ^a 1	44.03	42.16	43.31	43.50	2.49	26.0	23.7	23.5	5.2	8.4	86.6	69.0	83.4	76.7
11	44.33	44.03	44.20	44.35	0.80	26.3	31.2	21.5	9.7	11.7	81	62	70	71.0
12	45.71	44.38	43.71	44.60	2.00	27.6	31.7	23.5	8.2	12.0	74	92	63	76.3
13	46.17	43.16	42.96	44.04	3.21	28.6	33.3	24.0	9.3	12.0	87	56	70	71.0
14	43.55	41.99	41.18	42.24	2.37	29.4	33.6	25.3	8.3	12.8	77	53	74	69.0
15	41.82	40.74	41.58	41.38	1.08	28.2	30.2	26.3	3.9	5.6	80	74	84	79.5
16	43.39	40.68	43.33	42.46	2.71	27.7	30.2	25.3	4.9	12.6	38	71	87	82.6
17	45.08	44.79	44.46	44.74	0.62	26.7	28.5	24.9	3.6	1.4	92	88	92	90.6
18	45.68	42.46	43.63	43.91	3.24	27.4	30.0	24.8	5.2	8.4	92	81	86	86.3
19	43.16	41.82	41.52	42.14	1.58	26.3	27.7	25.0	2.7	1.2	73	93	92	92.6
20	41.44	49.18	40.98	40.53	2.26	26.7	30.1	23.4	6.7	10.8	91	76	91	86.6
D ^a 2	44.07	42.29	42.75	43.03	1.98	27.4	30.6	24.4	6.4	8.8	85.5	75.1	80.9	80.4
21	42.00	40.49	41.42	41.30	1.51	27.0	30.6	23.5	7.1	12.4	90	73	89	84.0
22	41.93	42.08	43.42	42.81	1.49	27.8	39.7	25.0	5.6	0.7	92	71	84	82.8
23	43.80	40.43	42.82	42.35	3.37	28.4	32.0	24.8	7.2	7.2	83	76	80	79.6
24	43.49	41.50	41.61	42.20	1.99	28.5	31.0	26.0	5.0	11.0	87	65	76	76.0
25	43.80	43.46	44.78	44.01	0.34	27.7	30.0	25.5	4.5	6.0	87	73	73	77.6
26	45.55	45.82	46.61	45.99	1.06	27.3	30.5	24.6	5.9	10.0	80	74.5	83	79.9
27	47.08	46.00	44.56	46.01	2.82	28.9	33.0	24.9	5.1	10.5	87	71	75	77.6
28	45.16	43.43	43.46	44.0	1.73	30.2	34.1	26.4	7.7	12.3	81	59	71	70.3
29	45.16	43.92	46.91	45.31	2.99	29.3	32.0	26.7	5.3	5.8	78	67	77	74.0
30	46.88	45.27	47.73	43.29	2.46	29.0	35.2	24.8	8.4	12.4	82	63	84	76.3
31	46.77	44.19	46.72	45.89	2.58	29.0	33.3	24.8	3.4	11.4	87	68.5	65	53.5
D ^a 3	45.18	43.65	45.00	43.92	2.03	29.4	31.8	25.1	6.6	9.0	84.9	69.1	79.7	78.2
Mez.	44.42	42.70	43.68	43.48	2.16	27.3	30.3	24.3	6.0	8.7	85.6	71.0	81.3	79.4

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Janeiro 1909	VENTO Direcção—Força					NEBULOSIDADE Forma—Fracção				CHUVA Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas			
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Media	Abrig.	Exp.					
1	NE 1	NNW 2	—	0	Kn 10	Ke 10	Cs 10	1.0	21.8	1.0	3.3			
2	—	0 SW	1	—	0	Kn 10	Se 8	Cn 10	9.3	18.4	1.0	3.6		
3	NNW 1	S 2	N 1	0	Kn 16	Kn 10	NC 10	1.0	—	1.0	3.6			
4	N 1	NW 6	N 3	0	Cn 10	Kn 8	Kn 10	9.3	43.2	0.4	2.0			
5	N 2	NNW 7	—	0	Ns 10	Kn 10	Kn 10	1.0	58.5	1.0	2.4			
6	NE 1	N 5	—	0	N 10	Kn 10	N 10	1.0	37.7	0.6	0.9			
7	—	0 SW	8	—	0	N 10	Ke 6	Cn 9	8.3	—	2.0	4.9		
8	—	0 S	4	—	0	Cs 9	Cs 5	Sn 4	6.0	—	2.0	6.4		
9	—	0 N	3	—	0	C 7	K 7	5	—	0	4.0	—	2.0	8.6
10	—	0 S	6	—	0	C 6	C 6	4 Cs	2	4.0	—	2.0	8.5	
D: 1	N	0.5 S	4.4 N	0.4	NC 9.2	Ke 7.6	v. 7.5	8.5	179.6	13.0	46.1			
11	—	0 S	1	—	0	C 5	S 5	S 4	4.6	—	2.2	8.2		
12	—	0 S	2	—	0	—	0 C	3	—	0	1.0	—	2.4	8.6
13	NW 1	W 1	—	0	0	C 4	K-C 8	—	0	4.0	—	2.6	9.4	
14	N 2	N 1	—	0	0	C 1	K 7	N 6	4.6	—	2.3	9.1		
15	N 5	NW 6	ESE 1	0	C 4	Kn 10	N 7	5.3	—	—	2.7	5.0		
16	N 1	SW 1	N 1	0	Cn 10	C 9	Cn 5	8.0	—	—	1.1	3.3		
17	N 1	NW 1	—	0	C 10	Kn 10	Kn 10	10.0	23.9	0.4	1.6			
18	—	0	—	0	0	Kn 10	Kn 8	Kn 10	9.3	5.7	2.5	5.4		
19	N 2	S 2	—	0	0	Kn 10	Kn 10	Kn 10	10.0	2.2	0.4	1.1		
20	—	0 S	2	—	0	Kn-C	S yn-C	4 Kn	6	6.6	11.8	1.2	4.8	
D: 2	N	1.4 S	1.7 var.	0.6	C	Kn 6.2	Kn 7.6	Kn 5.8	6.3	43.6	17.8	56.5		
21	—	0 S	2	—	0	Sn 10	K 5	Kn 9	8.0	4.3	1.4	7.4		
22	N 1	E 1	N 1	0	Cn 9	K-Se 8	C 0.5	5.8	4.2	1.4	6.5			
23	N 2	SE 1	—	0	Se 7	—	0 Cs	1	2.6	—	1.8	9.9		
24	N 1	SE 1	—	0	Kn 10	Kn 10	K-Cn 8	9.3	2.0	1.8	7.3			
25	—	0 N	3	N 3	0	Kn 10	Kn 10	Kn 8	9.3	—	2.4	8.2		
26	N 3	N 4	—	0	0	K 8	K 8	C 1	5.6	—	2.4	8.6		
27	—	0 SE	1	—	0	C 5	K 6	Kn 10	7.0	—	2.1	8.8		
28	—	0	—	0	0	C 1	Kn 8	S 6	5.0	—	2.4	9.0		
29	N 6	1 SE	1	—	0	Cs 4	Kn 10	Kn 10	8.0	—	2.2	7.3		
30	N 1	W 1	—	0	0	Cs 8	Kn 8	Kn 10	8.6	—	2.2	6.0		
31	N 1	E 2	E 2	2	0	Kn 10	K-Kn 8	Kn 10	9.3	17.7	1.2	3.6		
D: 3	N	0.9 SE	1.0 N	0.5	C	Kn 7.4	K 7.3	Kn 6.6	7.8	28.2	21.3	81.9		
Mez	N	0.9 S	3.3 N	0.5	C 7.6	Kn 7.6	Kn 6.6	7.3	251.4	52.1	184.5			

Observatorio meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Janeiro de 1909					
CORRELAÇÃO dos VENTOS COM os seguintes elementos meteorológicos					
Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. bar. promediada em Media	Temperatura em Media	Nebulosidade Media	Humidade Media
N	22	44.52	26.3	8.2	50.4
NNE	—	—	—	—	—
NE	3	41.84	25.5	8.0	85.3
ENE	—	—	—	—	—
E	3	44.43	28.9	8.6	71.8
ESE	1	41.58	26.3	7.0	84.0
SE	4	42.96	30.3	6.5	69.7
SSE	—	—	—	—	—
S	9	42.14	28.2	5.8	71.7
SSW	—	—	—	—	—
SW	3	21.81	29.0	7.6	68.0
WSW	—	—	—	—	—
W	1	43.01	31.8	5.0	56.0
WNW	—	—	—	—	—
NNW	3	43.12	27.7	10.0	75.6
NW	4	42.73	27.5	8.0	81.8
Calmas	40	—	—	—	—
Tensão media do vapor atmosferico					
					21 ^m /m3
Humidade relativa media					
					79 ^m /m4
Exaporação media diaria					
ao abrigo					1 ^m /m6
Evaporação media diaria					
ao sol					5 ^m /m9
Maior evaporação diaria					
ao abrigo Dia 13					2 ^m /m6
Maior evaporação diaria					
ao sol dia 13.					9 ^m /m4
Menor evaporação diaria					
ao abrigo dia 17					0 ^m /m4
Menor evaporação diaria					
ao sol dia 6					0 ^m /m9
Evaporação total ao abrigo					52 ^m /m1
Evaporação total ao sol					184 ^m /m5
Quantidade media mensal do Ozone					
Maxima da insolação					—
Barometro reduzido á 0° C.					
Pressão media mensal					
					43.48
Maxima pressão durante o mez					
Dia 27					47.88
Minima pressão durante o mez					
dia 20					39.18
Media diaria maxima					
dia 27					46.01
Media diaria minima					
dia 20					40.53
Oscillação maxima diaria					
dia 7					3.97
Oscillação diaria minima					
dia 25					0.34
Oscillação total durante o mez					
					2.16
Temperatura contigrada ao abrigo					
Media mensal					
					27.2
Maxima extrema					
Dia 28					34.1
Minima extrema					
dias 8, 10 e 11					21.5
Media diaria maxima					
dia 28					36.2
Media diaria minima					
dia 6					21.9
Oscillação diaria maxima					
dia 11					9.7
Oscillação diaria minima					
dia 19					2.7
Oscillação total durante o mez					
					6.0
Temperatura contigrada ao ar livre					
Media mensal					
					26.0
Maxima extrema					
Dia 28					39.0
Minima extrema					
dia 2					20.4
Media diaria maxima					
dia 28					30.9
Media diaria minima					
dia 19					23.4
Oscillação diaria maxima					
dia 14					12.8
Oscillação diaria minima					
dia 22					0.7
Oscillação total durante o mez					
					8.7
Nuvens					
Formas predominantes					
					K-N
Quantidade media					
					7.3
Dias claros					
					7
Dias nublados					
					24
Chuva					
Numero de dias com chuva					
					9
Total de agua recolhida					
					251 ^m /m4
Altura max em 24 hrs.					
					58 ^m /m5
N.º de dias					
Manifestações electricas					
					15
Trovoadas					
					9
Nevoeiros					
					5
Orvalho					
					14
Dias sem brilho solar					
					5

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "PRESIDENTE ANTONIO PAES DE BARROS"

Dirigido pelos R. R. P. Salesianos em Araguaya — Mato-Grosso

Observações feitas durante o mez de Novembro de 1908.

Altitude approximada da Localidade: 488.^m — Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

Nº de observações por dia: as 6 a. m., as 2 e 8 p. m. hora local

TABELLA I

Novembro 1908	Pressão Barométrica reduzida à 0° cent. + 760 ^{mm}					Temperatura centigrada à sombra				TEMP. ao Sol — Oscil.	Humidade relativa			
	6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da temp.		6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Media
1	18.19	17.41	20.17	18.59	2.76	23.45	27.5	19.8	7.7	15.5	83.0	69.0	88.0	80.0
2	18.67	17.72	19.99	18.73	2.27	23.90	27.3	20.0	7.8	15.6	91.0	75.0	70.0	86.5
3	17.99	17.97	20.37	18.77	2.40	23.50	27.6	20.0	7.6	5.0	93.0	93.0	78.0	92.0
4	17.92	17.04	20.29	18.41	3.25	23.45	24.8	20.1	4.7	16.0	95.0	72.5	59.0	80.8
5	18.33	17.66	20.49	18.82	2.83	24.50	28.3	21.0	7.0	11.1	95.0	73.0	63.0	85.6
6	18.31	17.31	20.31	18.64	3.01	23.85	27.0	20.7	6.3	7.0	95.0	85.0	78.0	91.3
7	18.62	17.21	20.17	18.66	2.96	23.50	26.8	20.2	5.6	19.0	95.0	80.0	76.0	88.3
8	17.71	16.92	19.25	17.96	2.33	23.75	30.0	21.5	8.5	16.0	88.0	80.5	79.0	86.1
9	19.79	18.11	18.75	18.88	1.68	24.85	28.7	21.0	7.7	21.8	96.0	76.0	87.0	85.3
10	18.19	16.98	17.71	17.62	1.21	26.15	30.5	21.8	8.7	16.4	90.0	70.0	93.0	80.3
Dº 1	24.18	17.43	19.75	18.51	2.47	24.61	27.8	20.6	7.1	14.6	91.5	77.7	90.5	86.2
11	18.26	16.61	16.84	17.23	1.65	26.00	30.0	22.0	8.0	21.3	89.0	64.0	78.0	77.0
12	17.25	16.46	16.96	16.89	0.79	26.90	30.0	21.8	8.2	11.5	94.0	69.0	82.0	81.6
13	17.44	17.30	17.46	17.40	0.16	24.50	28.0	21.0	7.0	12.0	88.0	76.0	83.0	82.6
14	18.83	18.66	18.76	18.73	0.22	23.60	26.4	20.8	5.6	18.0	87.0	72.5	90.0	76.5
15	20.37	19.84	18.73	19.04	1.64	23.00	27.0	20.8	6.2	19.5	84.0	86.0	81.0	77.0
16	19.31	18.22	18.57	18.70	1.09	24.90	28.0	21.8	6.2	10.0	86.0	75.5	90.0	83.8
17	19.31	19.21	19.40	19.30	0.19	23.15	26.8	21.5	6.3	6.0	91.0	91.0	83.0	88.3
18	20.24	19.85	19.53	19.87	0.71	24.10	26.2	22.0	4.2	13.4	89.0	80.0	85.0	84.3
19	20.06	19.32	19.07	19.48	1.09	24.45	27.0	21.0	6.1	7.1	92.0	80.0	91.5	87.6
20	19.51	19.07	19.07	19.21	0.44	24.00	26.0	22.0	4.0	4.5	92.0	87.5	88.0	89.1
Dº 2	19.06	18.45	18.43	18.67	0.79	24.46	27.5	21.5	5.9	12.3	89.2	76.1	81.1	82.7
21	20.31	19.85	19.99	20.05	0.46	23.30	24.8	21.8	3.0	11.2	94.0	82.0	80.0	84.6
22	20.35	19.84	19.42	19.87	0.93	23.70	25.8	21.6	4.2	4.0	93.0	84.0	92.0	89.3
23	20.26	19.36	19.97	19.86	0.90	21.80	25.4	18.2	7.2	13.0	87.0	76.5	86.0	83.1
24	20.19	23.02	20.01	21.07	3.01	22.25	25.0	10.5	5.5	3.1	88.0	79.5	85.0	84.1
25	10.51	19.07	18.99	19.19	0.52	23.45	26.5	20.4	5.9	5.5	93.0	85.0	92.0	90.0
26	18.71	18.01	19.01	18.87	1.90	23.85	25.0	22.7	2.3	13.7	93.0	64.5	91.0	82.8
27	21.17	20.72	20.73	20.87	0.45	25.39	29.0	21.6	7.4	16.4	92.5	67.5	83.0	81.0
28	21.11	20.97	21.05	21.04	0.14	25.50	27.8	22.2	4.6	3.3	88.0	91.0	90.0	89.3
29	20.50	19.61	19.93	20.01	0.89	23.85	26.5	21.2	5.3	22.5	93.0	72.0	76.0	80.3
30	20.28	18.11	18.65	19.01	2.17	25.70	28.5	22.0	5.6	11.3	89.0	65.0	87.0	80.3
Dº 3	20.23	19.46	19.86	19.98	1.13	25.87	26.4	21.3	5.1	9.7	91.0	76.7	86.2	81.1
Mez	21.15	18.41	19.34	19.65	1.46	24.31	27.2	21.1	6.0	12.2	90.5	76.8	80.9	80.4

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Novembro 1908	Vento			Nebulosidade					Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	Direcção—Força			Forma—Fracção						Abrigo	Exposto
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Média				
1	calma 0	calma 0	calma 0	SK	5 SK	8 SK	7	6.6	5.5	2.6	6.2
2	calma 0	NW 3	calma 0	S	9 NK	5 SK	7	7.0	—	1.6	4.2
3	calma 0	calma 0	calma 0	SK	1.0 KN	9 SK	7	5.6	13.0	1.2	4.3
4	calma 0	N 2	SW 3	SK	7 SK	1.0 N	8	8.3	29.0	1.4	4.8
5	calma 0	NE 2	calma 0	S	1.0 SN	8 SK	9	9.0	12.8	1.2	4.5
6	calma 0	N 3	S 2	K	1.0 K	1.0 »	1	8.0	36.5	1.0	3.6
7	calma 0	calma 0	calma 0	SN	9 N	7 »	2	6.0	4.0	1.3	4.0
8	calma 0	E 5	calma 0	NK	1.0 SK	8 »	3	7.0	—	1.8	6.5
9	N 5	N 3	calma 0	K	6 K	5 »	6	5.6	—	2.3	7.2
10	calma 0	calma 0	calma 0	S	2 K	4 K	8	4.6	—	2.6	7.3
D. 1	N 0.2	N 1.8	SW 0.5	S	SK 7.8	SK 7.1	SK 6.1	7.0	106.8	16.4	53.2
11	E 2	E 4	calma 0	S	9 SK	7 SK	1.0	8.6	—	2.3	8.0
12	calma 0	N 3	S 1	SK	6 »	1.0 »	1.0	8.6	2.5	2.7	7.2
13	calma 0	NE 2	calma 0	SK	1.0 »	9 »	1.0	3.6	—	2.3	6.5
14	calma 0	E 3	calma 0	SC	8 SC	7 K	1	5.3	—	2.2	6.8
15	calma 0	calma 0	S 2	S	8 SK	7 S	2	5.6	—	2.3	6.2
16	calma 0	S 2	calma 0	SC	2 »	9 SK	1.0	7.0	—	2.4	6.5
17	calma 0	calma 0	calma 0	SC	8 »	8 »	5	7.0	7.0	1.7	4.3
18	E 2	E 6	calma 0	SC	2 K	6 K	3	3.6	—	2.0	6.0
19	calma 0	N 5	calma 0	C	3 SK	8 S	1.0	7.0	17.3	1.6	4.6
20	calma 0	N 6	calma 0	SC	9 »	1.0 S	3	7.0	—	1.5	4.2
D. 2	E 0.4	N 3.1	S 0.3	SC	6.4	SK 8.1	SK 6.4	6.9	25.8	21.5	59.7
21	calma 0	NE 2	calma 0	SK	1.0 N	5.0 S	1.5	5.5	2.5	1.0	3.0
22	calma 0	W 8	SW 9	S	16.0 SK	1.0 SK	1.0	1.00	16.2	1.2	3.5
23	SW 2	NW 2	calma 0	SC	3.0 »	10.0 K	1.5	4.8	5.6	1.8	4.3
24	calma 0	E 1	E 3	S	10.0 »	6.0 SK	9.0	8.3	—	1.5	4.2
25	calma 0	calma 0	calma 0	C	5.0 »	8.0 SK	6.2	6.4	14.5	0.9	3.0
26	calma 0	W 2	E 4	SC	6.0 KN	8.0 SK	1.0	8.0	—	1.5	4.7
27	calma 0	N 2	calma 0	SC	4.0 »	7.0 SK	3.0	4.6	17.4	1.8	6.5
28	calma 0	calma 0	calma 0	S	5.0 SK	7.0 S	5.0	5.6	—	2.0	6.8
29	calma 0	N 5	calma 0	S	6.0 N	5 N	3.0	4.6	—	2.5	8.0
30	calma 0	SE 2	calma 0	C	4.0 SK	1.0 S	5.0	6.3	—	2.0	6.2
D. 3	SW 0.2	N 2.4	E 1.6	S	6.3	SK 7.6	SK 5.4	6.4	56.2	16.2	50.2
Mez	E 0.2	N 2.4	S 0.8	S	6.8	SK 7.7	SK 5.9	5.7	182.3	54.1	163.1